1931

JANEIRO

N. 629-633

poesia

SALDO

Fazendo o elogio do livro de versos da Senhorita Lia Corrêa Dutra, Mucio Leão disse isto:

« Aqui, nestes versos, não encontramos os rigidos principios parnasianos, que, depois de Olavo Bilac, Raymundo Corrêa e do Sr. Alberto de Oliveira, dominaram o Brasil – principios que ainda hoje encontram alguns fieis, desses que todas as manhãs se ajoelham deante do templo da Fórma para communguar a hostia dos hemistichios impeccaveis.

Mas tambem não encontramos o excesso, a irreverencia, a falta de amor á tradição, que dominam o grupo dos modernistas».

Ora, que ainda se fale em modernismo, vá. É um defeito agradavel. Mas que se fale ainda em parnasianismo, oh!

Tirando a "Profissão de Fé" de Olavo Bilac, aquella Ode de Raymundo Corrêa, alguns sonetos de João Ribeiro e Alberto de Oliveira, que é que o parnasianismo fez no Brasil? Francisca Julia? Emilio de Menezes? Goulart de Andrade? Martins Fontes? Rosalina Coelho Lisboa? Não.

Depois dos que ajudaram a fundar a Academia, nenhum poeta brasileiro foi parnasiano. E os que foram antes não foram de proposito. Quando descobriram, tomaram modos.

Fórma ... buril ... impassibilidade ...

Com esta graça desmanchada que a nossa terra tem!

Com este mal acabado tão bonito das nossas paizagens e das nossas creaturas!

Com esta molecagem que nós botamos em tudo!

Não vê!...

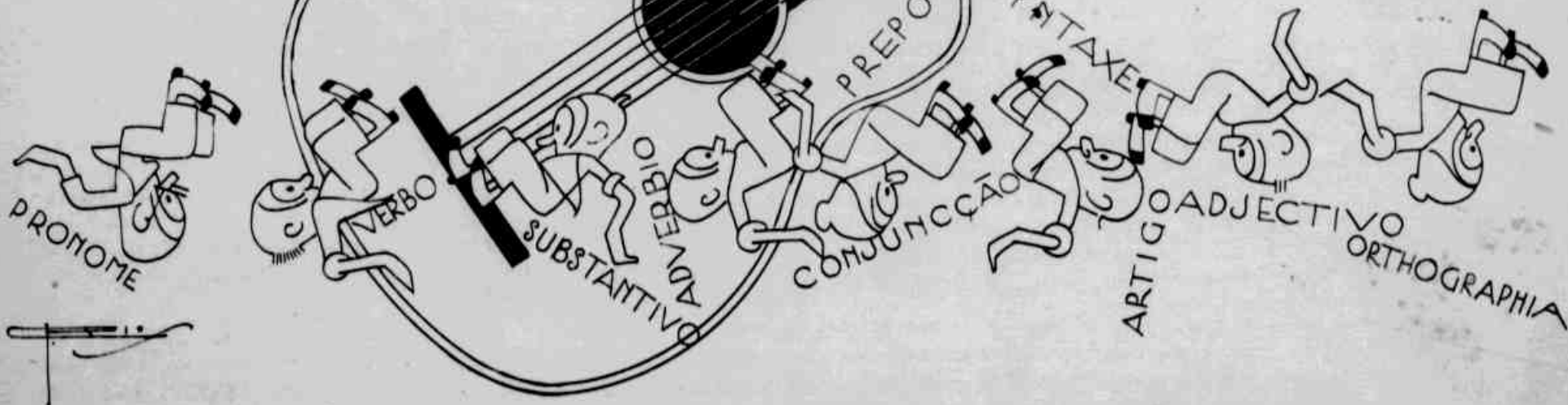
Poesia do Brasil é poesia livre, instinctiva, nasce de sopetão, sentida, verdadeira, sem pensar no que vae dizer e dizendo o que está pensando sem saber...

A differença entre a poesia de hoje e a de antes de hontem, todas as noites eu vejo em Copacabana.

Uma é a Avenida Atlantica, com o seu passeio arrumadinho e illuminada pelas lampadas postas em distancias iguaes, desde o Leme até á Igrejinha.

A outra é o ceu de Nosso Senhor, esparramado de estrellas, e a lua cahe não cahe por sobre o mar.

Estas coisas não são faceis de explicar.

Porque muitas pessoas acham sublimes os focos electricos da Avenida Atlantica e nunca olharam para o ceu...

...ta Feia... ESCRIPTO ANTES DO TELEPHONE AUTOMATICO

de gloria, que chega a parecer bella! Se eu pudesse, um dia, entrar na alma dessa senhorita, quando ella estivesse ao telephone, ouvindo o galanteador distante, e pudesse tomar nota, direitinho, de suas sensações no momento — eu faria, então, um poema, faria o poema mais bello da cidade: "O Poema da Menina Feia".

As telephonistas bonitas, abandonam o emprego quasi sem saudade. Umas vezes para casar, outras porque lhes offerecem um logar de melhor ordenado. As telephonistas feias, não. As feias têm uma verdadeira adoração pelo serviço, no exercicio do qual provaram as melhores emoções do amor. Só no telephone as feias ouvem galanteios que as enternecem como uma musica suave. Na rua, apagam-se por completo: passam desattendidas. Ninguem observa que ellas pedem, supplicam quasi, uma palavra de amor. Quem saberá, acaso, da tristeza que chumba uma mulher feia, quando uma mulher bonita é festejada? A' bonita, os homens dizem, como os hespanhóes: "*Bendita sea tu madre!*" Sim! a mãe de uma senhorita bella e boa (sempre se suppõe que a belleza venha acompanhada pela bondade) merece todas as reverencias e mesmo a gratidão dos homens. E a mãe das feias?

As senhoritas feias têm um coração sensivel e bom, cheio de amor; as boccas das feias estão sempre martyrizadas por uma insaciavel sêde de beijos. Mas, ai!, a sua bocca e a sua alma são, quasi sempre, condemnadas a viver solitarias!

Pode-se conhecer só pela voz se a telephonista é feia ou bonita. A voz da bonita é um tanto secca, o seu "que numero faz favor?" não embriaga o assignante. A voz da feia é dôce, musical, calida: amavel como um perfume. Ha outro signal que nos esclarece: a facilidade ou relutancia com que a telephonista concorda em palestrar com o seu longinquo interlocutor. A bonita apresenta difficuldades: parece-lhe uma concessão excessiva conversar com um cavalheiro de quem não tem, nem teve a menor noticia. A todo instante, ella se detêm pensando em minudencias. Alarma-se imaginando que o assignante póde ser preto ou amarello ou não ter dinheiro, nem posição. As feias, não. Que lhes importa se o assignante é preto ou não? A sua alma solitaria deseja uma illusão. Agarram-se ao primeiro, vorazmente, como se ellas fossem naufragas e o homemzinho a unica taboa de salvação (Abominavel imagem esta!)

As telephonistas vivem em dois mundos: um é o mundo das cousas materiaes e o outro é o mundo das vozes. As bonitas preferem o mundo dos sêres tangiveis, mundo que tem cinema, automovel, sorvete, velhos camaradas. Não se contentam com a palavra do homem: exigem corpo, chapéo, bengala, lenço de varias cores, perola na gravata. As feias, não. Preferem o mundo das vozes, o mundo encantado do telephone. Fica satisfeita com a voz. Mesmo porque não lhes resta outro remedio: feias que são, só podem agradar a um homem que não as veja. Assim, o amante da telephonista feia é uma voz. Que lhe interessa a "pose", o terno irreprehensivel, a côr da gravata, as polainas? Ella ama o que tiver a palavra mais eloquente, persuasiva. E' feliz com esse amor puro, inoffensivo, extraordinario. O outro amor tem sempre o mesmo desfecho: desencanto. Além do mais, o corpo envelheec, perde a elasticidade, o vigor, a frescura; os olhos se apagam; as boccas murcham. A voz é sempre joven, sempre bella: tem calor e suggestão: a sua adolescencia é eterna ou se não é eterna, pelo menos, o seu esplendor ainda vive depois da decadencia do corpo.

As telephonistas feias são amigas de todos os assignantes que tenham uma voz agradavel. Ter uma voz agradavel é o bastante para se conquistar o seu coração.

Desenho de Guignard

Se a nossa palavra sôa bem nos seus ouvidos, ellas *torcem* para que todos os nossos negocios tenham uma solução que lisonjeie as nossas pretensões. Só uma especie de triumpho não pedem para os seus assignantes favoritos: triumpho no amor. Nem falam nisso! Só faltam enlouquecer de ciume! Esse ciume parece invenção do chronista, mas, é um facto real nas telephonistas feias, facto que tenho observado repetidas vezes. Ellas não podem tolerar que uma voz amada (as telephonistas feias amam vozes e não homens) passe uma "cantata" noutra voz feminina. Certa vez, andei de namoros com uma senhorita. Pois, senhores! sempre que estava conversando com minha deusa no telephone, a linha, de onde em onde, era interrompida. E esse desagradavel incidente só acontecia quando eu estava no auge da exaltação e berrando os mais sumptuosos logares-communs do meu repertorio de phrases de amor. Cuidei enlouquecer! Mas, não suppunha, nem por sonhos, a causa real da irritante, methodica interrupção. Afinal, vim saber que a telephonista amava doidamente a minha voz e, com ciumes, cortava, a toda hora, a ligação, já que não podia vingar-se doutra forma. Mas, essas ciumentas não são muitas. As feias, geralmente, são resignadas, passivas, humildes.

Um amigo meu todas as vezes que ouve a voz da telephonista, tem uma copiosa hemorrhagia sentimental. "E' doloroso", exclama elle, "que eu esteja tão perto da sua voz e tão longe de sua bocca". Antigamente, eu tambem pensava assim e me enfurecia contra a barreira das distancias. Mas, depois de que vi uma telephonista sem dentes mudei de opinião. E quando ouço, agora, o "que numero faz favor?" fico pensando na possibilidade da telephonista ter ou não dentes.

Por falta de uma me felicito por sua bocca estar longe. Além do mais, a telephonista só é admiravel porque dá-nos a impressão de que é uma voz, uma voz apenas, e nada mais. Eu tenho o habito de imaginar, para as telephonistas que me attendem, typos, cabellos, olhos. Mas, confesso, e creio que a tempo, que esse habito é pessimo. Uma telephonista em carne e osso perde o dôce prestigio envolvente de sua voz. E a cidade perde, tambem, uma das suas chiméras mais lindas.

Certo amigo meu só apreciava uma rosa de olhos fechados, mãos nas costas, todos sentidos impedidos, exceptuando, é claro, o olfato. "A unica cousa", disse elle, "que é emocionante na flôr é o perfume". A unica cousa admiravel na telephonista é a voz, a voz unicamente e nada mais.

NELSON RODRIGUES

O Poema da Telephonis

A telephonista na rua é uma mulher trivial. Só mesmo os olhares vadios fixam a sua figura desinteressante, onde não se vê nenhuma qualidade attractiva, nenhum traço excepcional. Ninguem se lembra de saudal-a com uma phrase de louvor, uma interjeição expressiva de encantamento ou desejo. E', em summa, uma personagem secundaria ou nulla no scenario da vida carioca. Quantos typos mais pittorescos do que o della? Justamente o que torna a telephonista seductora é o mysterio do telephone. Ouvimos uma voz que, ás vezes, é quente como uma caricia. Mas, o seu corpo, os seus olhos, os seus cabellos ficam inéditos, a desafiar as nossas faculdades adivinhatorias. De quem será essa voz que nos attende, assim que suspendemos o phone? Será de uma senhorita bonita, intelligente, culta ou de uma banal, suburbana, feia? Sempre que me acontece estar com a fantasia desoccupada, corro ao telephone. E, ouvindo o "que numero, faz favor?", começo a fazer deducções, a imaginar o provavel typo da telephonista que me falou. Primeiro calculo o corpo, a musica do contorno, o perfume dos cabellos, o brilho das unhas. Depois vou pensar na alma que imagino dôce como uma canção.

A telephonista nunca devia apparecer porque desencanta-se. O que ella tem de mais suggestivo, captivante é a voz: e a sua voz só impressiona tão fundamente porque não tem bocca. O mesmo acontece com os reis, os poetas, as actrizes de cinema que sahem á rua. Um rei que apparece em publico perde toda a fascinação. O poeta, idem. Um grande astro de Hollywood na rua perde igualmente o fulgor de legenda. Greta Garbo na tela é uma mulher infernal, venenosa, fatidica, enlouquecedora. Na vida real é uma senhora respeitavel, inoffensiva, vulgar, incolor.

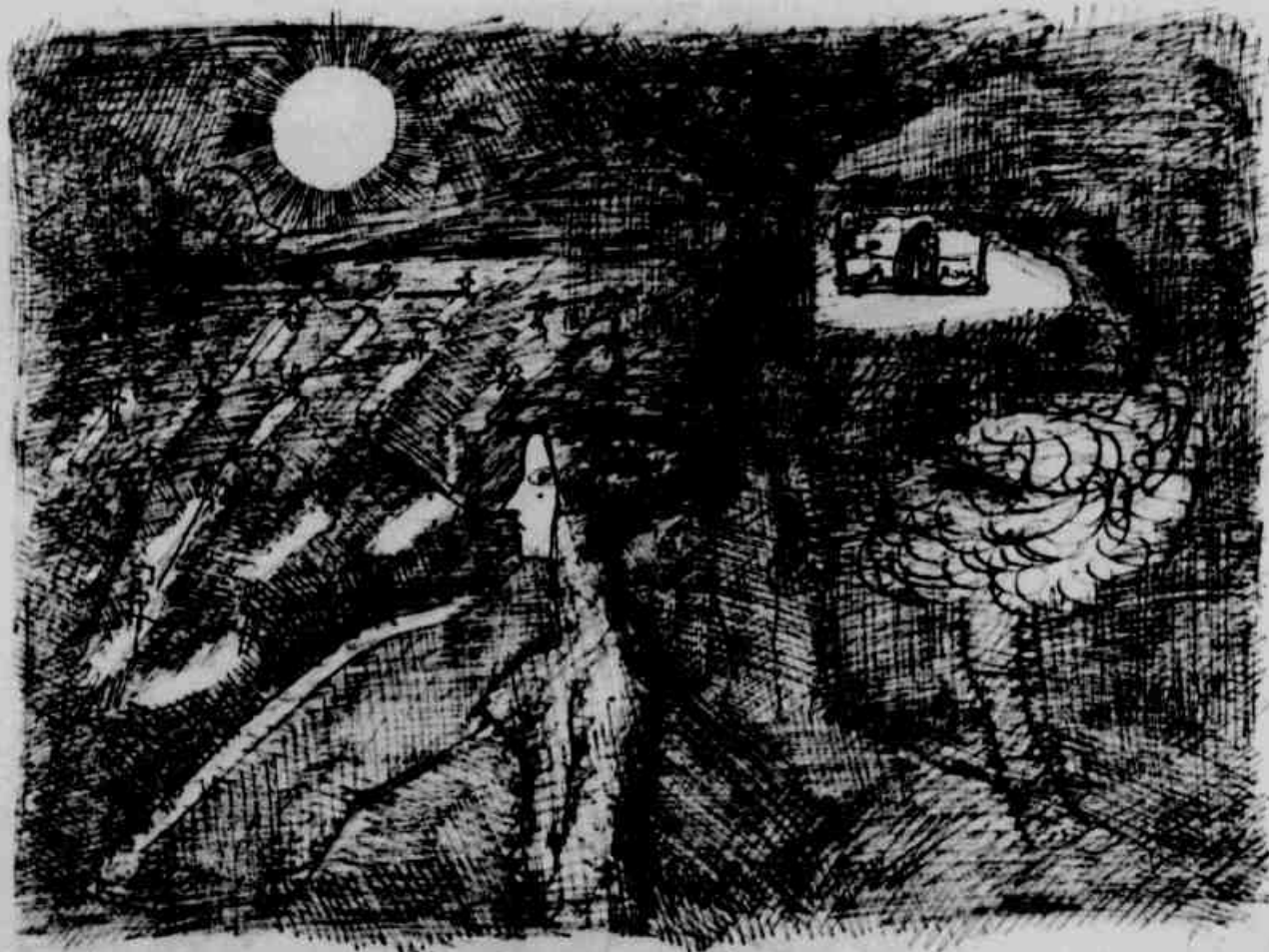
Alguem, ha tempos, aconselhou ás mulheres, telephonistas ou actrizes, que não sahissem nunca de casa. E, quanto ao problema amoroso, ellas o resolveriam da seguinte fórma: enviando retratos aos seus respectivos amantes. Comprehende-se: uma mulher no retrato é sempre bella, fresca, elegante, deliciosa. Na sua, não tem cravos, espinhas, não diz tolices sobre literatura, nem chora ou espirra. Ao passo que em pessoa tem esses defeitos todos e outros peores. Sobretudo, envelhece e, pela manhã, ao acordar, é medonha.

Certa noite, num bonde, ouvi este pedaço de uma conversa entre dois cavalheiros: "...prefiro ouvir a voz de uma mulher, do que ver o seu corpo, a sua bocca, o seu typo. Porque, vendo-a, sou forçado a me contentar com um unico typo, imperturbavel, um corpo de formas fixas. Ás vezes, e não raro, esse typo e esse corpo não coincidem com o meu ideal e só me inspiram tédio ou declarada repugnancia. Ao passo que não vendo a mulher que me fala (o que acontecerá numa conversação telephonica) tenho a liberdade de fantasiar mil corpos superiores, typos esquisitos, boccas frescas e perfumadas, que se outra virtude não têm, têm a virtude inestimavel de serem modificados, aperfeiçoados ou substituidos, conforme entenda minha imaginação ou minha opinião sobre esthetica e moral. Caso identico succede commigo a respeito das metropoles que nunca vi Paris, por exemplo. Nunca irei ver, visitar Paris, isso para evitar uma decepção certa. O Paris real deve ser uma cidade como as outras. Prefiro imaginar Paris a meu gosto. O Paris que eu imagino é uma cidade maravilhosa como não ha igual!" Não teve razão quem falou assim?

Nunca tive coragem de marcar um encontro com uma telephonista. Isso para não soffrer um desengano. Por infuencia do telephone, gosto muito mais de ouvir a voz de uma mulher, do que ver a mulher que fala. Da mesma forma um canto me emociona mais quando não vejo a cantora ou cantor. Oh, a poderosa suggestão **das vozes que não têm bocca!...** A voz do piano obtém um exito maior, repercute **com mais intensidade e duração na alma, no sangue, nos musculos da gente quando não vemos nem o pianista, nem o instrumento! Todos nós amamos o piano anonymo, a pianista invisivel!**

Um dia, uma telephonista que me conhecia pelo telephone (eu tambem só a conhecia pelo telephone) insistiu commigo para eu ir ao seu encontro. Recusei-me a isso, empregando o velho, o literario argumento que emprego sempre quando ouço de uma dellas a proposta de uma entrevista: "gosto de você, porque você é apenas uma voz: uma voz sem bocca; no dia em que eu olhar para a sua bocca, deixarei de sentir a magia de sua voz". Ella pensou, pensou e, por fim, concordou commigo. Disse-me depois, que era feia, sem graça, sem "pose". Nenhum homem a cortejava; e confessou-me que, por isso mesmo, a sua necessidade de amar era cada vez mais imperiosa: "Como todas as mulheres feias", accrescentou, "tenho na alma um inexgottavel thesouro de amor", e chorou. Fiquei sinceramente commovido: tão commovido que julguei experimentar o perfume manso de suas lagrimas. (Delirio do olfato...)

O poeta desagrava-se de um fracasso sentimental, escrevendo um iracundo soneto, no qual chama a mulher que o repelliu de "Vil Messalina!" Tanto basta para que elle se julgue planamente desagravado. E logo após sahe á rua e não tarda a perseguir com lamurias outra dama, a qual, como a primeira, repelle decisivamente o vate (os poetas são de uma infelicidade atroz com as mulheres; só conheço uma especie de poeta que nunca soffreu a recusa de uma mulher, porque é de uma castidade feroz: refiro-me ao poeta erotico).

A telephonista desagrava-se de uma forma mais pacifica, ingenua: ouvindo os louvores de um assignante eloquente. Aliás, o telephone serve para qualquer mulher victima de um desastre sentimental. Quantas meninas feias, renegadas, esquecidas não recebem pelo telephone vehementes declarações de amor? Ellas têm, ahi, o seu momento de gloria, de exaltação. Eu conheço uma senhorita feia, sem espirito, sem attractivo de especie alguma, a quem tortura a terrivel sêde de amar. Essa menina que póde andar impunemente pela cidade, pelas ruas desertas, sem policia, livre de ouvir qualquer galanteio ou soffrer as impertinencias dos homens — tem escutado no telephone hymnos enthusiasticos á sua belleza, a qual belleza nunca existiu. E' quando colloca o phone no ouvido e pede ligação para um "muchacho" qualquer, por palpite. Ouve, assim, diariamente, palavras de fogo, elogios que arrepiam ou queimam. E, afinal, ao desligar o apparelho, está tão transfigurada pela emoção, e exaltada pela febre, cheia

Desenho de Guignard

Matto Grosso — Campo Grande — Jardim Municipal

Tia Martinha

A LAMPADA abria um halo largo de luz; grillavam insectos, fóra, na fenda dos muros, pela quietude estrellada da noite, emquanto, da sala perto, vinha o rumor abalante, apressado e trépido da machina a costurar linhos brancos — que era a Amanda, coitada, a tisicar sobre as costuras.

Nós, em camisolas, já promptos para o deitar, grupavamo-nos no corredor para o matte — um corredor extenso de grossas paredes e largas janellas. Ao centro sentava-se a tia Martinha, em um bancozinho baixo, com os seus oculos de aros de aço e o livro de orações nas mãos. Contava-nos, então, os seus lindos contos: o martyrologio dos principes andantes, a historia das fadas bemfazejas, e nos dava, por vezes, á curiosidade dos olhos o goso de estampas coloridas de um Velho Testamento — um grande livro largo que abriamos no chão, nós ao redor, a folheal-o, pagina por pagina.

Ai! Doces estampas que eram, onde anoitecia o negror setinoso dos cabellos fartos de Ruth e andava, pela messe dourada das lavouras, a mancha clara das barbas longas de Abrahão!...

Apotheose de prazer, com estridulos de chilreio alegre, aquelle succeder de figuras e cores, de trigaes e montanhas, de homens em tunica e mulheres sobraçando pucaros!... De repente eram os de Israel, por entre muralhas d'agua, atravessando o solo areento de um mar talhado ao meio, guiados pelo vulto do velho propheta com os seus raios geniaes á fronte, pasmando-nos, provocando duvidas de que fossem chifres aquellas irradiações do seu espirito de previsão e de sabedoria! E mais adeante era, na vasta desolação de um deserto, a figura soffredora de Agar, a quem a Dulce, a "caçula" de todos nós, apontava logo com o dedinho gordo, a chamal-a "Ari", que vinha a ser na algaravia syllabica dos seus dois annos, a Maria Rita, a ama que a creara, a "Bá" negra, em cujo seio amoroso e farto sugara, por mezes, gulosa e linda, com a mãozinha sobre a têta e o botão da bocca apinhado em beijo, toda a vida que ora corria-lhe escaldante nas veias.

Por um cerrar de noite — havia uivos lugubres de vento nas casuarinas da chacara — a tia Martinha começara: — Era uma vez... E, de repente, quedou-se — os olhos abertos e a bocca incerta... Sentados no chão, á sua frente, em semi-circulo, olhavamol-a surpresos, esperando continuasse — as mãozinhas cahidas ao collo e os nossos olhos pasmos nos seus olhinhos quietos...

A Dulce, para animal-a, sentindo-a tardar, tatibitou: — "Ela u'a vez..." Mas, a tia Martinha... Deus nosso!... D'ali de onde nos falava, ali se ficou como uma santa...

No dia seguinte levaram-na, no dia seguinte — ai! que tristeza que foi!... — em uma caixa negra, estreita, com galões dourados... Puzeram-lhe flores por cima e, nós, beijos, no panno preto dos seus sapatos sem salto.

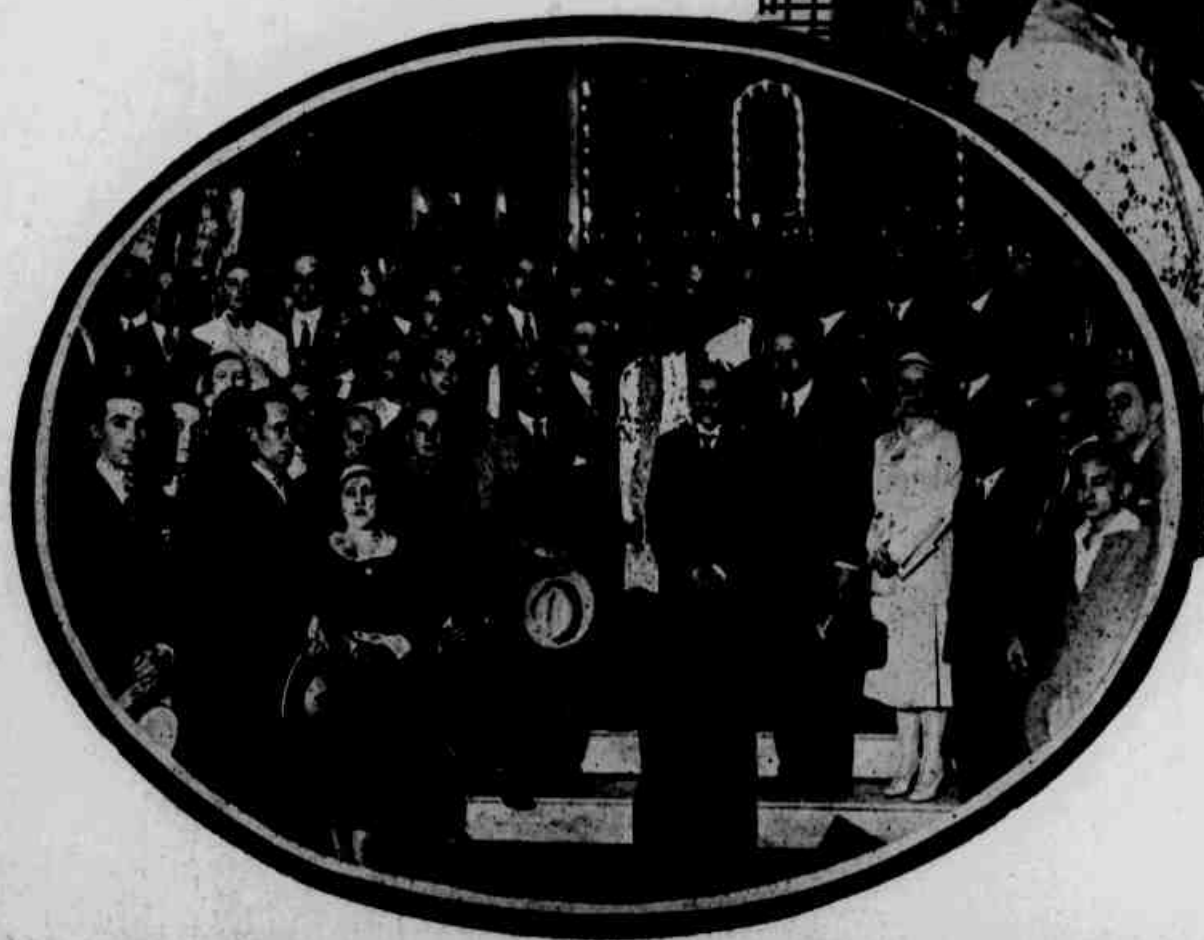
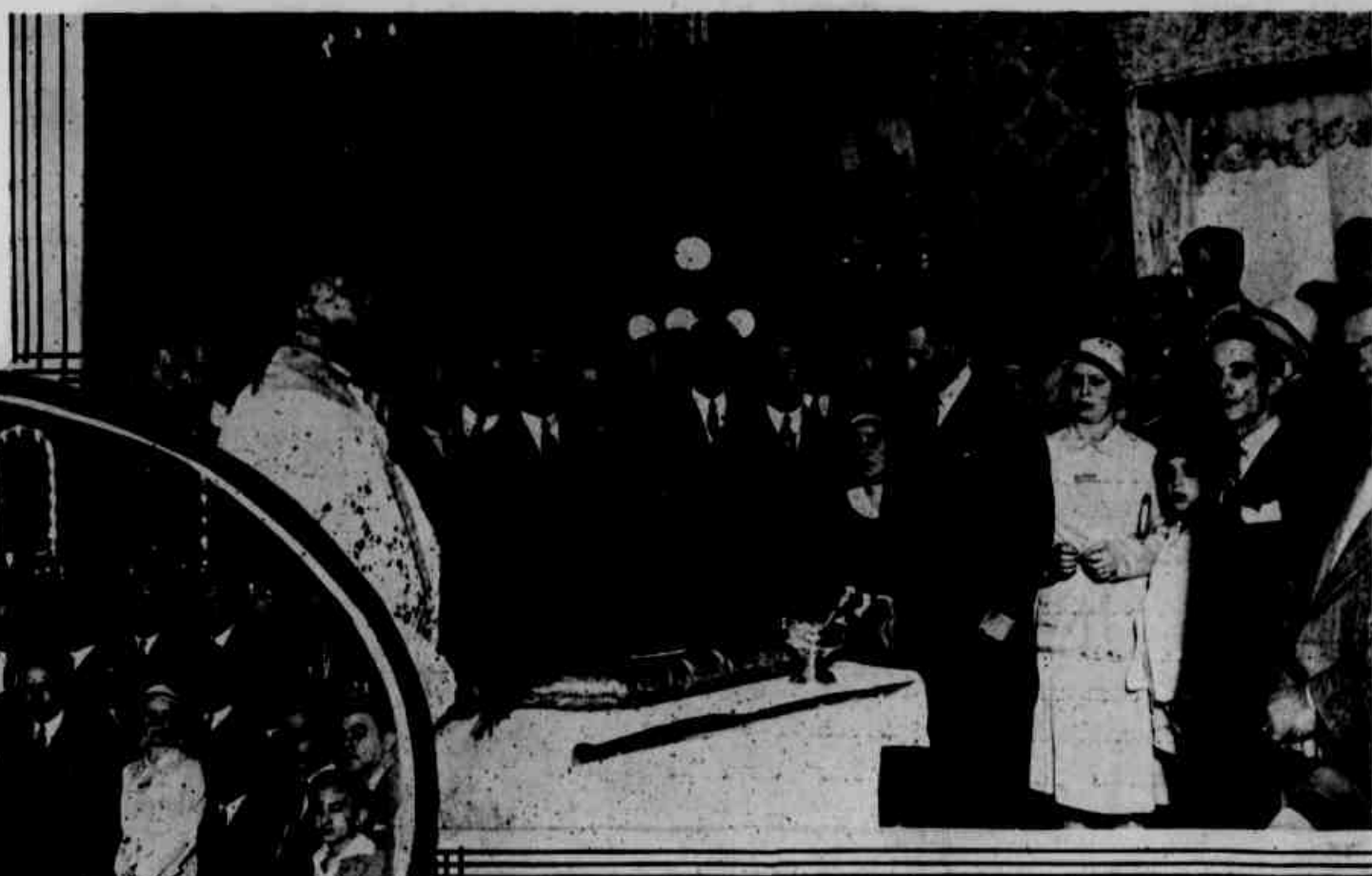
E de todos, a quem mais pungia aquella ausencia, em quem mais ficou a amargura daquelle deixar, foi á Dulce — ella, então... para quem as bonitas historias da tia Martinha não contentavam com uma só narração!... Queria que as contasse — e indicava o numero, exigente, numa careta gracil de amúo, com os dedozinhos minusculos abertos em angulo: — "Duza vez... Duza vez..."

Por fim... foi-se, tambem, a Dulce, um dia, na garra adunca da angina e na seda branca de um caixão pequeno... uma tarde triste, fria, d'Avè-Maria triste — atrás, quem sabe? das bonitas historias que a tia Martinha tinha levado... A querer ouvil-as ainda, a querer ainda, talvez, que lh'as contasse, lá em cima: "duza vez", a Dulce, "duza vez..."

LIMA CAMPOS

Jardim Municipal — Campo Grande — Matto Grosso

RECEPÇÃO NO PALACIO DA NUNCIATURA

O Senhor Nuncio Apostolico e os senhores Ministros do Exterior, da Educação e do Trabalho, com representantes do Corpo Diplomatico e da Sociedade do Rio de Janeiro.

Na egreja de Nossa Senhora do Rosario, quando o Conego Olympio de Castro fez entrega de uma espada de ouro ao Senhor Oswaldo Aranha, em nome dos collegas de turma do Ministro da Justiça.

HOMENAGEM AO MINISTRO DA JUSTIÇA

Appartamento

O governo do Chile, num dia claro, mandou fechar a Escola de Bellas Artes de lá. Despediu os professores. Deu destino melhor ao predio. Os alumnos de talento ganharam uma pensão e uma passagem até a Europa.

BELLAS ARTES

Os outros tiveram que procurar estudos mais adequados aos seus temperamentos. E houve uma grande economia para o paiz. Nós iamos pedir a mesma providencia ao governo do Brasil. Argumentando com o que viamos, com o que sabiamos, com o que ouviamos. Felizmente, o governo do Brasil nomeou para director da Escola de Bellas Artes daqui o senhor Lucio Costa. E o senhor Lucio Costa pensa como nós. São palavras delle estas palavras:

"O "Salon", por exemplo, — que exprime sobejamente o nosso grau de cultura artistica — diz bem do que precisamos. De anno para anno, tem-se a impressão que as télas são sempre as mesmas, as mesmas estatuas, os mesmos modelos, apenas a collocação ligeiramente varía. Apesar do abuso da cor (ter colorido gritante, julgam muitos, é ser moderno), sente-se uma absoluta falta de vida, tanto interior como exterior, uma impressão irremediavel de rachitismo, inanição. O alheiamento em que vive a grande maioria dos nossos artistas a tudo o que se passa no mundo, é de pasmar. Tem-se a impressão que vivemos em qualquer ilha perdida no Pacifico, as nossas ultimas creações correspondem ainda ás primeiras tentativas do impressionismo. Todo esse movimento creador e purificador post-impressionista de Cezanne para cá, é desconhecido e renegado sob o rotulo ridiculo de futurismo. É preciso que os nossos pintores, esculptores e architectos procurem conhecer sem "parti-pris", todo esse movimento que já vem de longe, comprehender o momento profundamente serio que vivemos e que marcará a phase "primitiva" de uma grande era".

Deante disto, depois disto, como diria Ruy Barbosa, vale a pena esperar...

Alfredo Cumplido de Sant'Anna tem publicado coisas em verso e coisas em prosa nos jornaes e nas revistas. E' um nome bem conhecido e bem admirado.

POETA NOVO

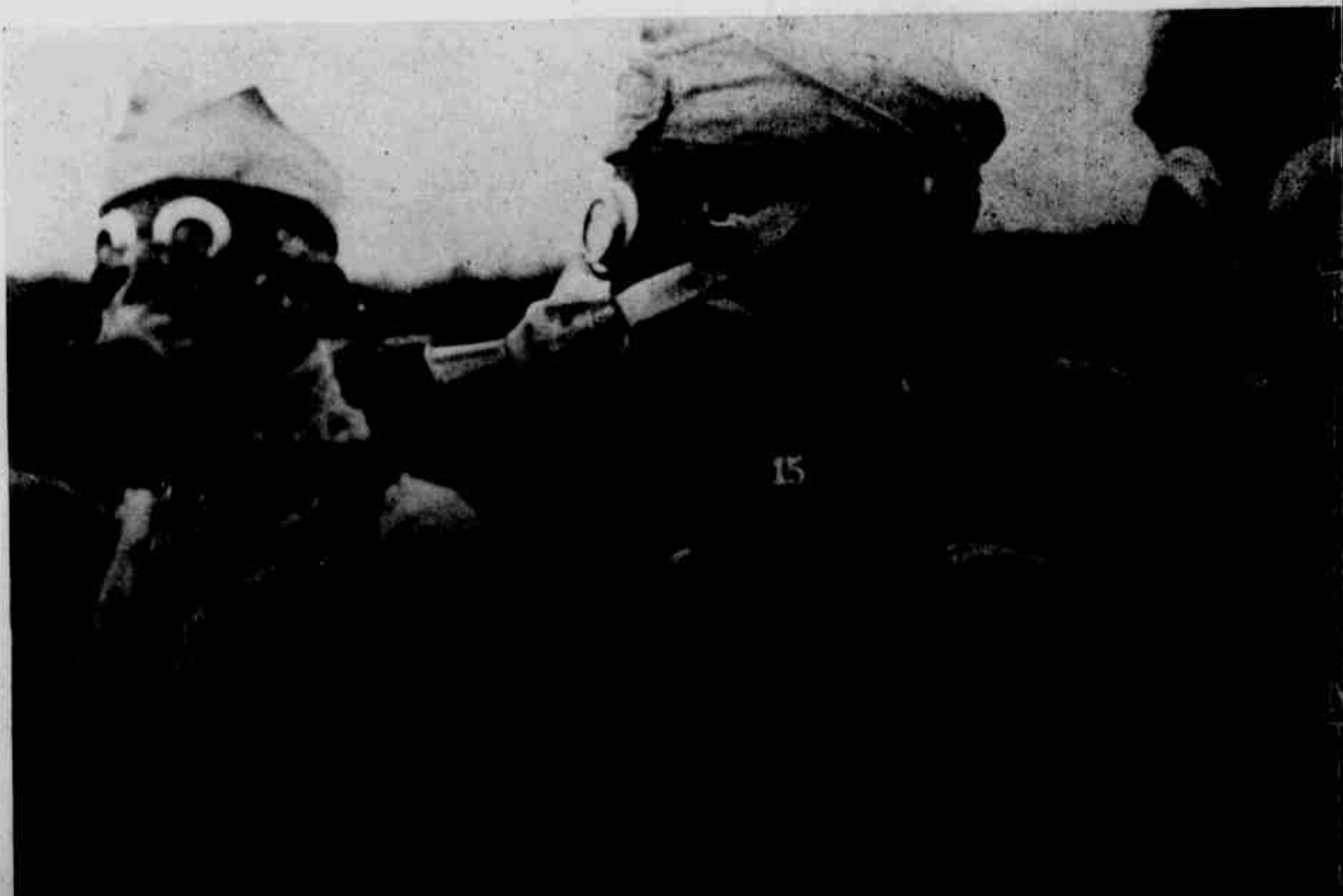
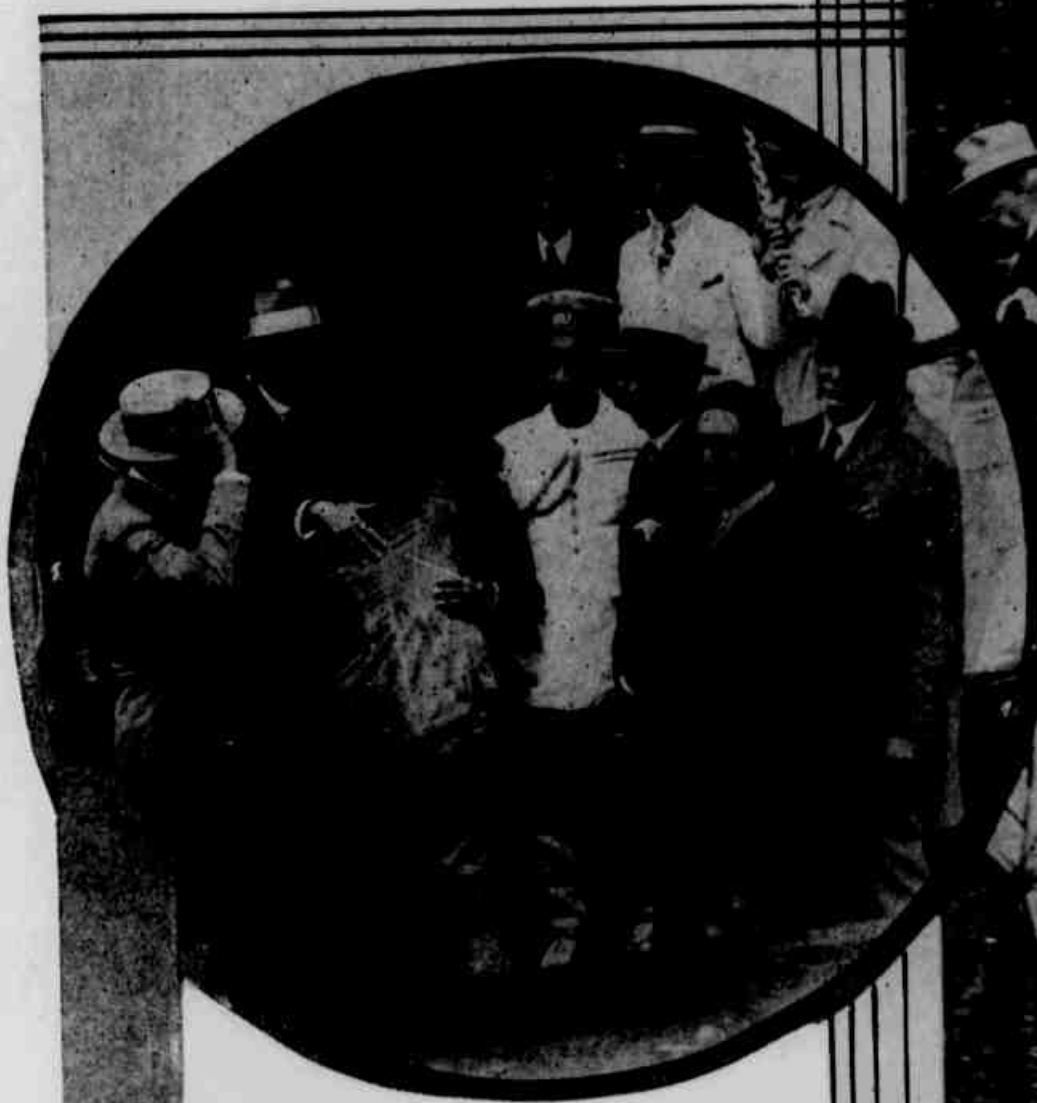
Agora, na primeira semana anno, vamos ter o primeiro livro delle: "Festa dos Astros", poema da Revolução, em rythmos largos, imagens amplas, acceso, contente, triumphal.

Agora, nestes tempos de Tribunal Revolucionario, anda um desassocego na cidade, uma inquietação nas pessoas. Não em toda a cidade. Não em todas as pessoas. Está claro. Quem era como é continua acordando e dormindo serenamente. Os que não eram como são têm pulgas na cabeça. Perderam as cores e o assumpto. Nas ruas caminham de olhos no chão e orelhas no ar. Em casa não podem ouvir bater na porta. Pulam. Ficam com a cara cheia de heins! E suam como geladeiras. Não, esta não é a Republica que elles sonharam... E tanto não é que, quando se reunem, affirmam que, "mais dia, menos dia, tudo vae terminar como antes..." Mas então era o Brasil que terminava. Que diabo! Deus já deve estar cansado de ser brasileiro! Se elle se naturaliza fóra daqui, não se salva ninguem...

GENTE SUSPEITA

Quando o Rio só pensava nas misses, todas as manhãs tinha um prazer renovado. Quem lhe trazia era o "Diario de Noticias": as "Cartas á Menina de Portugal". Simões Coelho, autor dellas, muito conhecido na imprensa, no theatro e no cinema, ficou de repente conhecido em todos os logares. As cartas que elle publicava não pareciam escriptas. A gente as ouvia, espontaneas, naturaes, sinceras, com o sotaque lá da terra. Para fazel-as, Simões Coelho deixou de ser "um" portuguez. Ficou sendo "o" portuguez. E assim tivemos, debaixo deste sol, de Julho a Setembro, a illusão de cada dia, por uns instantes, viver nas paizagens de onde veiu Fernanda Gonçalves e para onde vae ainda hoje a saudade dos olhos que viram e não esqueceram mais a "Menina de Portugal". Simões Coelho reuniu numa plaquette as suas Cartas lindas. Correia Dias desenhou a capa, cabeçalhos, iniciaes e finaes. Retratos de Fernanda Gonçalves e clichés de festas que lhe deram, completam o pequeno volume, edição do autor.

LINDAS CARTAS

Mascaras contra gazes asphyxiantes usadas pelas forças que marchavam contra Itararé. Essas mascaras eram fabricadas nos laboratorios da Universidade do Paraná com camaras de ar offerecidas pela população de Curityba. Duas mil por dia. A photographia é um detalhe de "Patria Redimida", Groff-Film que vae ser exhibido aos cinemas de todo o Brasil.

De volta ao Brasil

Aspectos da recepção do senhor e senhora Epitacio Pessoa, que chegaram da Europa.

Adeus, 1930!

Baile do City Bank Club, no Club dos Bandeirantes
e
Baile no Praia Club

BOAS FESTAS

No Fluminense Football Club

No Club de Regatas Vasco da Gama

Gente miuda e gente grande foram buscar presentes nos dois grandes estadios da cidade.

A Senhora Getulio Vargas distribuindo mantimentos aos pobres no Asylo São Vicente de Paulo.

FIM DE ANNO... COMEÇO DE ANNO

SENHORA ANTONIO LEITE DO VALLE COM UM FILHINHO.

O Presente de Festas

DESDE que amanhecera o dia, um dia esplendido de sol e de vida, Carlos Antonio se encontrava perambulando pelas ruas, como um pária em busca de um destino, e, de quando em quando parava diante das "montras" das lojas, onde embebia o olhar contemplativo nas ricas e polychromas exposições de brinquedos... E caminhava sempre, alheio á turbamulta que o atropelava por vezes, na lufa-lufa de adquirir os mais caros presentes para os primogenitos que em casa aguardavam, com o riso atropelava por vez, em casa aguardavam, com o riso bom e infantil nos labios, o presente amigo de Papae Noel... Carlos Antonio não sabia para onde ir. Sim; comprehendia que necessitava voltar. Necessitava... Em casa, de onde sahira ás primeiras horas da manhã, deixara a esposa e o filhinho ainda dormindo. Era dia de Natal e elle havia tres mezes fôra dispensado da casa commercial onde trabalhava como correspondente, a titulo de economia da mesma. E desde então, sabe Deus os sacrificios feitos para conseguir o pão quotidiano para os dois entes queridos que lhe são tudo na vida!

E, agora, sem um nickel no bolso, Carlos Antonio recordava-se do pedido ingenuo do filhinho, na noite anterior:

— Papaesinho, Pápáe Noel vem amanhã trazer o meu presente de Natal, vem? Eu quero que elle traga uma bicycleta bonita como a de Juquinha... E dava pulinhos de contentamento, antegosando a sua grande alegria! Carlos Antonio parecia que tinha um inferno na cabeça. Nem um só parente ou amigo a quem recorrer. Elle já não tinha mais direito de recorrer a parentes e amigos... Era inexplicavel o seu estado de nervos. As lagrimas cahiam-lhe das palpebras e elle desconhecia que estava chorando...

... Carlos Antonio caminhava sempre, sem destino certo, com passos tardos e olhar tristonho... Adiante, na rua mais movimentada da cidade, parou em frente á loja mais rica de brinquedos. No limiar da porta, falou de si para comsigo, a garganta oppressa por uma força interior:

— Sim, meu filhinho, Papae Noel ha de levar o seu presente de Natal... ha de leval-o!... Esforçou-se para apparentar calma. Entrou. Muito amavelmente solicitou do dono da casa, que se achava encostado ao balcão, um pedaço de papel e uma caneta com tinta. Solicitou ainda o seu nome e começou a escrever com sofreguidão, os olhos fóra das orbitas. Carlos Antonio parecia que ia enlouquecer. A cabeça doia-lhe sempre, horrivelmente. Tinha febre na alma, febre no coração. Terminado o bilhete, dobrou-o com as mãos tremulas e entregou-o, juntamente com a caneta, ao mesmo senhor e deitou a correr, como um louco, e, fóra, na rua, atirou-se para debaixo do primeiro vehiculo que passava no momento...

E naquelle mesmo dia, um dia esplendido de sol e de vida, o filhinho de Carlos Antonio, um garoto de cinco annos de idade, recebia o seu presente de Papae Noel: uma bicycleta bonita como a de Juquinha...

GUIOVALDO MONTEIRO DE ALMEIDA

Cidade do Salvador, Dezembro, 1930.

SENHORA RAUL MOREIRA COM UMA FILHINHA.

Vestido de noite com capa — *Photo D'Ora, Paris*

Em Torno de Jules Romains

TEMOS uma tendencia insopitavel de ligar as coisas da nossa vida quotidiana com todo o enriquecimento do nosso intellectualismo e da nossa sensibilidade, que nos adveio das leituras que fizemos e das obras de arte que admirámos.

A cultura é um filão inesgotavel de maravilhas e contentamentos interiorizados.

Transforma o quotidiano, num timbre harmonioso, sob um tom de originalidade. Alchimista, muda e argila em ouro.

A materia em espiritualidade, que é uma como plenitude do espirito, e sobre a secura das relações mecanicas, das cadeias de ferro dos conceitos mortos, das formulas fakirizadas com que os bonzos da vulgaridade celebram as suas missas diarias, por vezes brilhantes, mas no amago inexpressivas e vazias, a cultura, a colorida Scherazade da minha alma tece e trama e carda sobre a terra bronca dos preconceitos sérios, honestos e bem ponderados, os aranhescos subtis, o orientalismo em perfume, a successão das imagens novas.

Imagens novas... Criações, milagres.

Mundo inedito, universo saboroso que o Homem junta a esse outro Universo mecanico, ordenado e mathematico, que dizem criado por uma intelligencia bem superior á sua.

Illusão onde elle cria por momentos a sensação da realidade, de ser alguma cousa, de ser livre, ainda que fluindo em graça de espirito na predeterminação de uma felicidade, que ha de vir...

E, pois que na incognita da Vida sente que só existe uma Realidade, elle mesmo, rasga-se em talhos de luz a sua visão das cousas, porque enriquece com o pensamento, com a sensibilidade a sua verdade interior. Enriquecida a percussão da sua personalidade, afinadas as suas cordas animicas, bojada a sua resonancia, como num instrumento de madeira mais nova, pela cultura, o contacto do espirito com o mundo exterior côa uma symphonia de tonalidades subjectivas tão complexas e tão variadas que se diria um preludio de Wagner ou um thema de Beethoven.

Tudo é relação do mundo com a alma. Variados os factores ou os agentes dessa funcção que afinal é a propria vida, e se essa variação se effectiva num aperfeiçoamento, num refinamento instrumental das faculdades subjectivas, a vida se enriquece, se chromatiza de gammas, de mais luxo, como na ascendencia de uma escada que nos conduzisse das clareiras de uma floresta tosca para a polychromia de um minarete arabe.

Essa a impressão que nos deixou a leitura do subtil Jules Romains, o extraordinario escriptor francez, que vem sendo festejado pelos mais cultos centros da grande capital intellectual do mundo.

O arguto Jean Prevost, a proposito do grande genio criador de Romains, escreveu acertadas observações sobre as suas qualidades de intellectual e de artista.

DOLCE FARNIENTE

— Domingos! Domingos! Oh, Domingos! Você está surdo? A dormir como um "lord" e o serviço parado?
— Os Domingos foram feitos para descanso...

Olga Praguer que realizou na outra semana um lindo recital de canções

POR JORGE SALIS GOULART

Mostrou como elle, libertando-se das extravagancias das modernas escolas literarias, entre as quaes se tem disputado a inquietude do intellectualismo europeu não obstante é um alto criador de originalidades pelo matiz da que constitue o seu senso artistico.

E' que a invulgaridade não está propriamente na fórma, mas sim na qualidade da alma do que tenta reproduzir impressões das cousas.

Não é tentar exprimir as complicações do materialismo hodierno por uma maneira de dizer mais complicada ainda. Mas é fazer funda a propria superficialidade das coisas, porque estas não são superficiaes em si mesmas, mas na alma que as comprehende ou que pensa comprehendel-as. Bem razão tinha Keyserling em hierarchizar as almas pelas suas qualidades, isto é, em valorizal-as de accordo com a sua corporificação sonora, como numa escala de instrumentos de cordas que se succedem por oitavas, desde um minimo a um maximo de vibrações.

A alma de um Romains ou de um Marcel Proust deve ser assim como essas notas, a um tempo lancinantes e velocissimas em vibração dos violinos orchestraes, sentindo ao mais simples contacto todas as subtilezas da vida.

Talvez não sejam muito novas as cousas que Romains trata, mas é profundamente sua, altamente original, a subtileza com que as interpreta.

"Quand le navire" é uma pagina expressiva da sua mentalidade.

"J'y restai quelques minutes à me laver les mains, à interroger mon visage dans les glaces, à me laisser fasciner par les miroitements des faiences, et surtout à recevoir le navire sur moi de toutes parts en pluie fine."

"A receber o navio sobre mim, de todas as suas partes em chuva fina".

Maravilha de expressão!

Representação de um estado psychologico de um modo tal que as letras frutificam em espirito, amadurecem em alma. E' a isso que se póde chamar o classicismo moderno, pois que, como já foi entrevisto, caminhamos incontestavelmente para um moderno sentido classico da belleza.

O que variou foi a nossa comprehensão do Bello.

O novo classicismo, que se está desenhando na literatura e que em nossa opinião vae derrocar as ultimas escolas futuristas, dadaistas, etc., não será um classicismo á antiga.

A razão, a deusa séria e euclidiana do espirito occidental, voltará de novo a manter no mundo da arte as suas linhas estatuarias de elegancias, mas a materia prima do que constituirá a sua synthese será mais rica e harmoniosa.

O instrumento com que aprehenderá a unidade das cousas, a ordem universal, será bem mais vibratilizado

(Termina no fim do numero).

Photo D'Ora, Paris — *Vestido de rua em Gita Bazar*

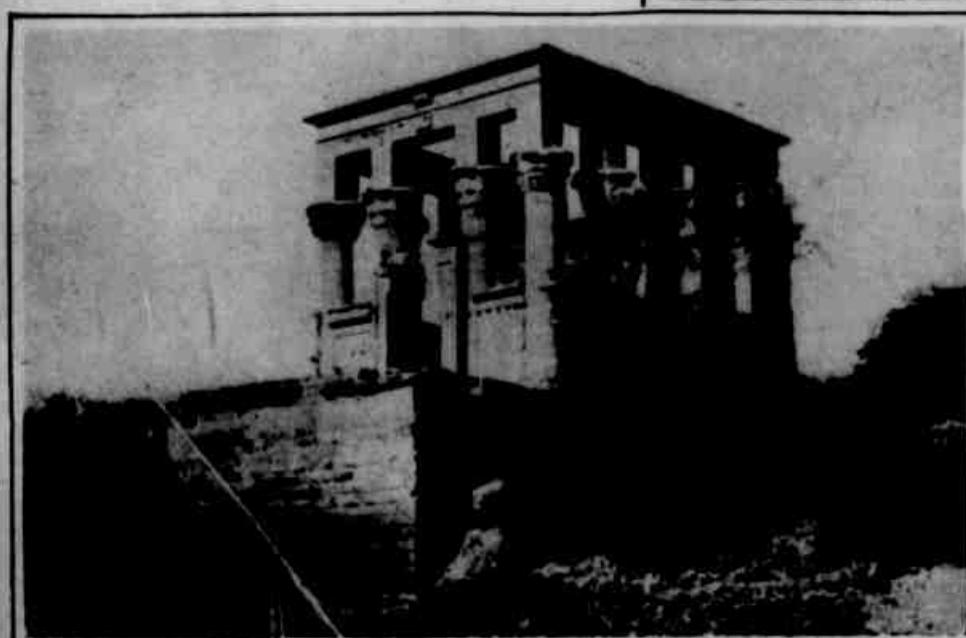
Stephana Macedo, cantora regional e harmonisadora de motivos brasileiros

TUDO REMEXIDO

— Marcolina! Marcolina! Onde estão meus suspensorios?

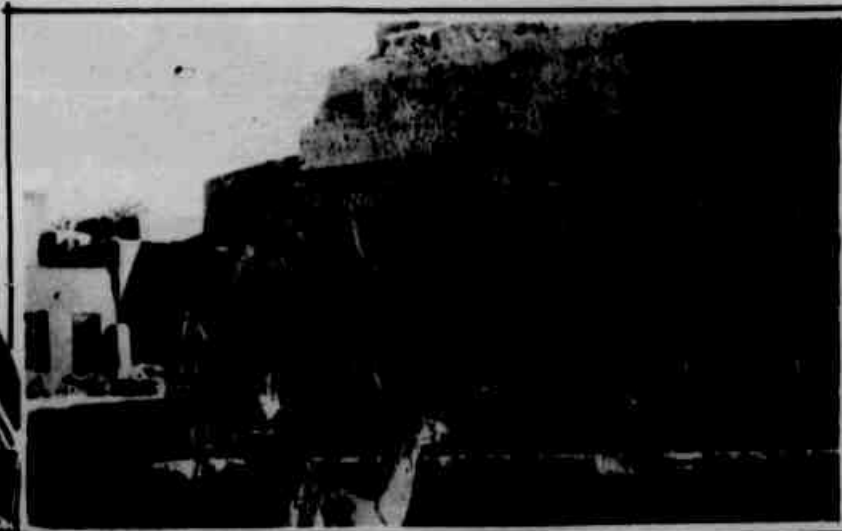
EGYPTO

KARNAK
ENTRADA DO HYPOSTYLO

KARNAK
NO CAMINHO DO PTDOMEY

PHILAE — TEMPLO DE ISIS

EM CIMA
TEMPLO EM LUXOL

O RAMESEUM — THEBAS

OUTRO
ASPECTO
DO
TEMPLO DE ISIS

TEMPLO
DE
OPER
EM
KARNAK

PHOTOGRAPHIAS DE EMMA SCHUBROW

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

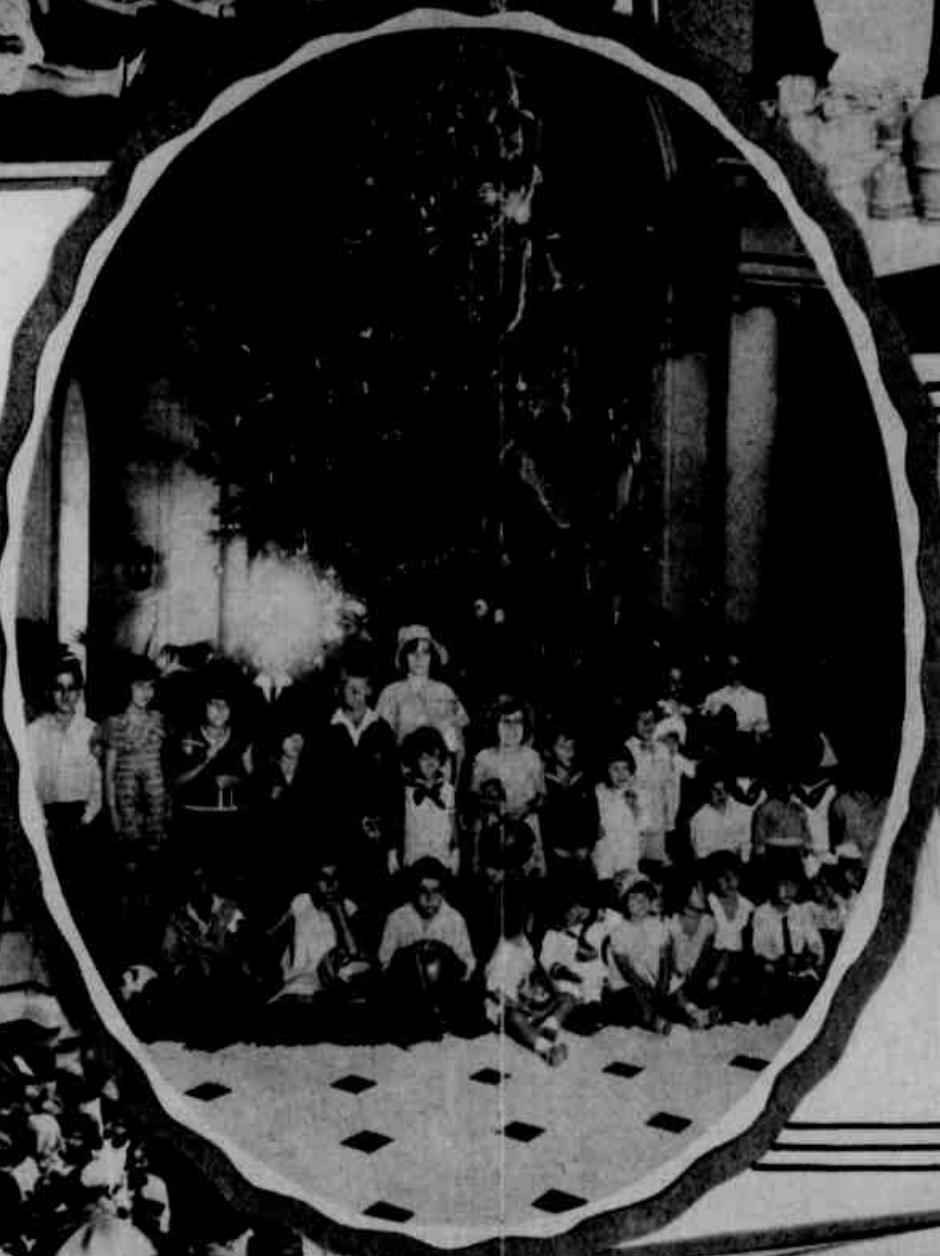
Sabbado de tarde, o pequeno monumento de São Francisco de Assis, na Praia do Russell, f[illegible] por positivistas e catholicos que prestaram homenagem ao Santo da fraternidade humana. Entre outros estiveram lá os Senhores Affonso Celso, Augusto de Lima e Amaro da Silveira.

HERMES - FONTES foi-se embóra. Com um tiro no ouvido passou para o outro lado, onde dizem que está um mundo melhor. Deve ser melhor. A vida nunca quiz bem a Hermes - Fontes que tanto queria viver. Elle teve paciencia. Esperou que ella se cansasse de ser assim. Ella não se cansou. Poz-lhe um revólver na mão. Despediu-o. Pobre Hermes-Fontes! Que longe das "Apotheoses"! Mas que perto da "Fonte da Matta"! O caminho da algazarra para o silencio. Quanta coisa caiu na viagem! Quanta coisa veiu da viagem! Mas tudo que tu perdeste era tudo que tu amavas. E o que sobrou apenas te fazia pena. Foi triste, foi feio o teu destino de homem. Acabou-se. Foi bello, foi alegre o teu destino de poeta. E recomeça agora mais alegre e mais bello. E' a vingança dos homens que tambem são poetas. A vida ruim extingue os homens. Os poetas ficam vivendo eternamente.

HERMES FONTES

■ ■ ■

TEMPO DE FESTAS

Distribuição de brinquedos no Club Naval, no Automovel Club, na Casa da Creança do Rotary Club onde os pobrezinhos tambem receberam roupas e na Escola Celestino e outras escolas publicas da cidade.

A ALEGRIA DAS CREANÇAS É O PERDÃO DA VIDA...

THEATRO

Em cima: artistas e coristas da Companhia de Operetas Vicente Celestino que estreou no João Caetano com "Alvorada do Amor" que Octavio Rangel tirou do film de Maurice Chevalier

A Companhia Mulata que está fazendo successo com as suas revistas typicas no Republica.

O NOSSO theatro de comedia vive de traducções más e de originaes pessimos. A culpa é sempre dos escriptores que, podendo dar coisas boas e optimas aos elencos de declamação, não se importam com o theatro. Falam assim. A verdade, entretanto, não está ahi. A verdade está na incomprehensão dos interpretes e no horror que têm a tudo que não entendem. Uma peça intelligente toma logo para elles aspectos de porão. Principalmente se o autor prohibe os cacos, a collaboração no texto. É por isso que os escriptores não escrevem para o theatro. Para não aborrecerem as actrizes e os actores. Simples questão de delicadeza... Delicadeza que os actores e as actrizes não precisam usar com o publico. O publico não vae ao theatro...

ROULIEN vae para a America do Norte. Vae trabalhar no cinema sonóro. E desta vez, garantiu-nos, vae mesmo, apesar de já ter feito a sua festa de despedida. A garantia de Roulien é muito importante. Porque, ha quatro annos elle faz a sua festa de despedida nas vesperas de embarcar para a America do Norte e depois não embarca...

ZAIRA Cavalcanti anda fazendo um successo doido em Buenos Aires. As canções do Brasil, tristes ou alegres, estão populares nas ruas da cidade do tango...

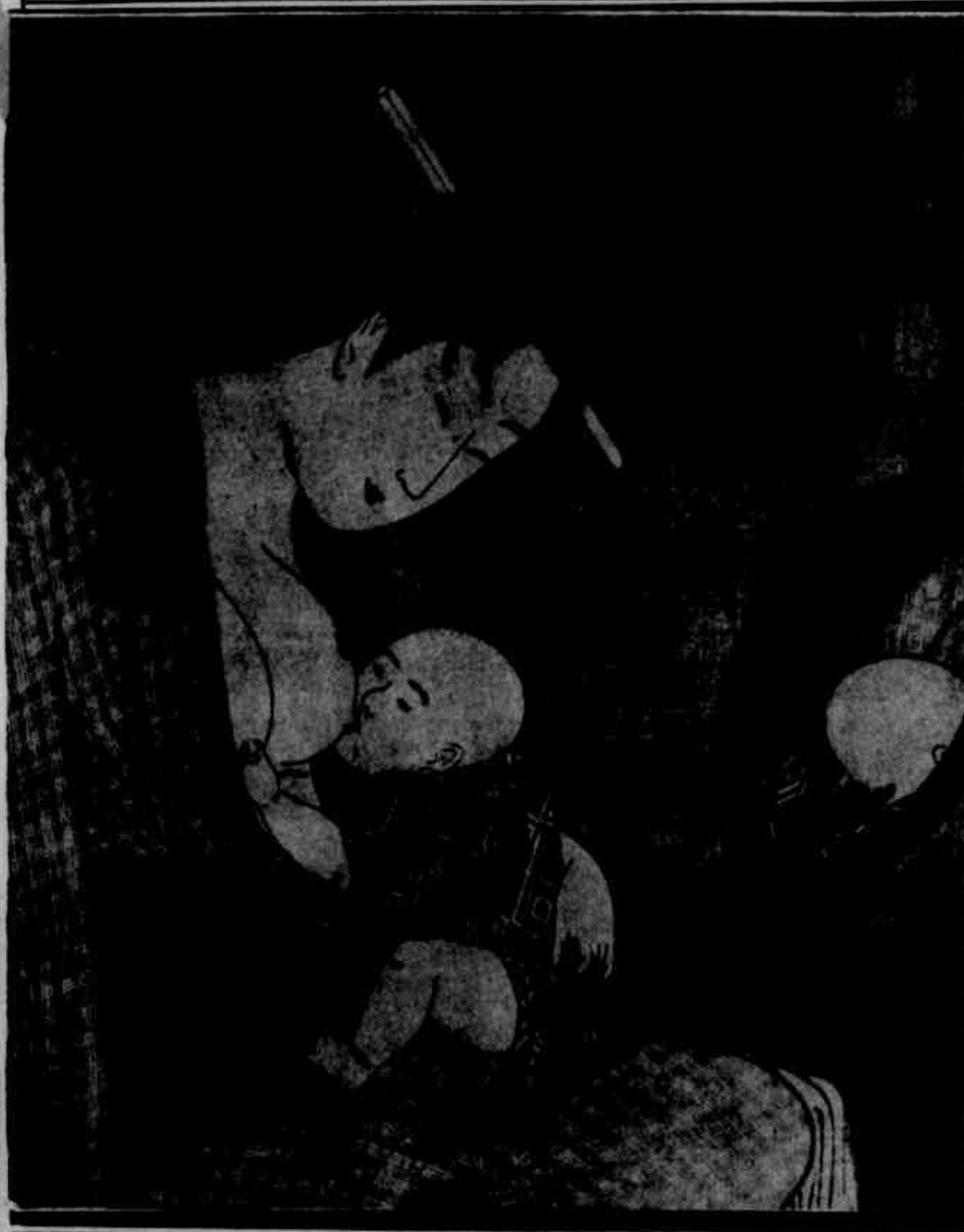
—::—

Olympio Bastos (Mesquitinha) que foi dar um passeio no Trianon mas já voltou para o Recreio.

D A N S A

AS IRMÃS KEMENY, BAILARINAS DO CASINO DE PARIS

Kiyonaga: Mulheres apanhando flores

Outamaro: As pescadoras de awabi

Mamãe e filhinho, por Outamaro

Yeisho: Retrato da joven Otatsu

O actor Kanya, por Sharaku

O Japão já esteve na moda. Ganhou até as consagrações de uma opera: "Mme. Butterfly" e de uma opereta: "Geisha", além de numerosos livros de autores que viajam. Tudo isso por causa da guerra com a Russia. Agora, o mundo só se lembra do Japão quando ha terremotos lá. Mas, da curiosidade antiga, muita coisa ficou. Ficou a doçura de uma poesia feita em bonbons de sentimento e suggestão. Ficou a arte fina, descoberta nos seus pintores. Dessa arte estão aqui alguns exemplares em gravuras de Kiyonaga, Sharaku, Yeisho, Outamaro. Gravuras classicas e modernissimas... Tanto é verdade que o Ecclesiastes tinha razão. E Buddha tambem...

Scena de interior por Kiyonaga

Kiyonaga: O passeio

NYLCÊA NAPOLEÃO AZEVEDO GOMES E WASHINGTON GUTERRES.

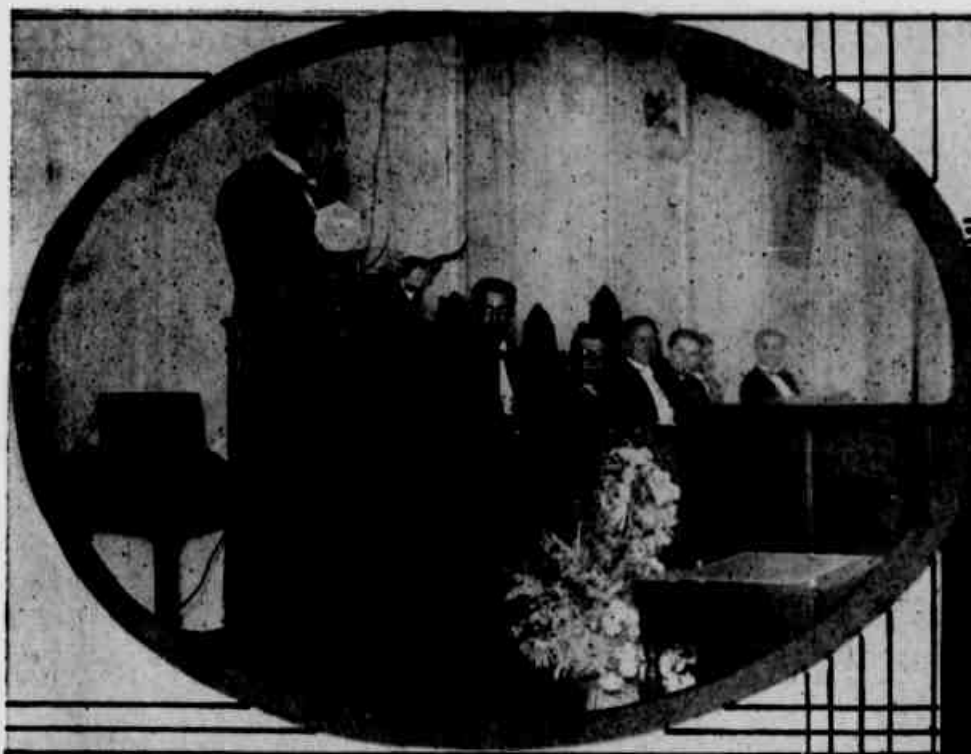
JURITY DE SOUZA E RAYMUNDO FARIAS

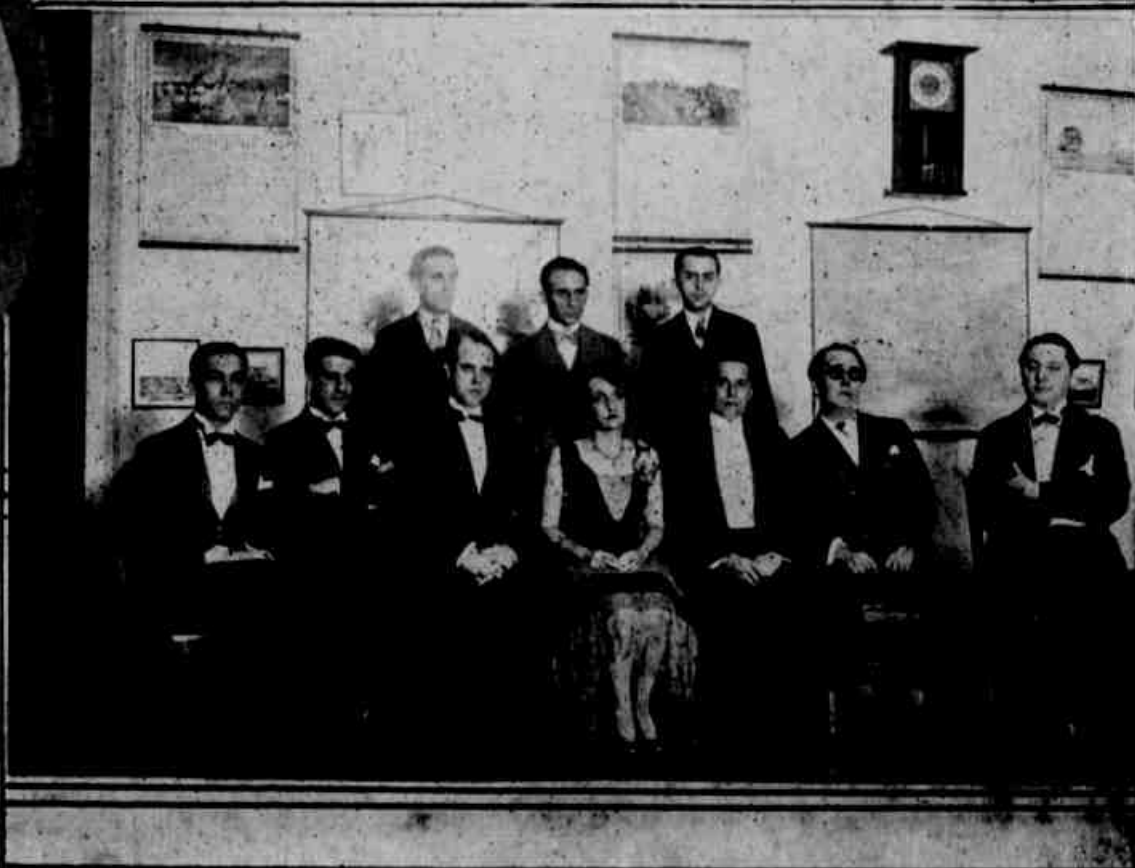
AINA CARDOSO DE MENEZES E BENEDICTO JANOT

CASAMENTOS

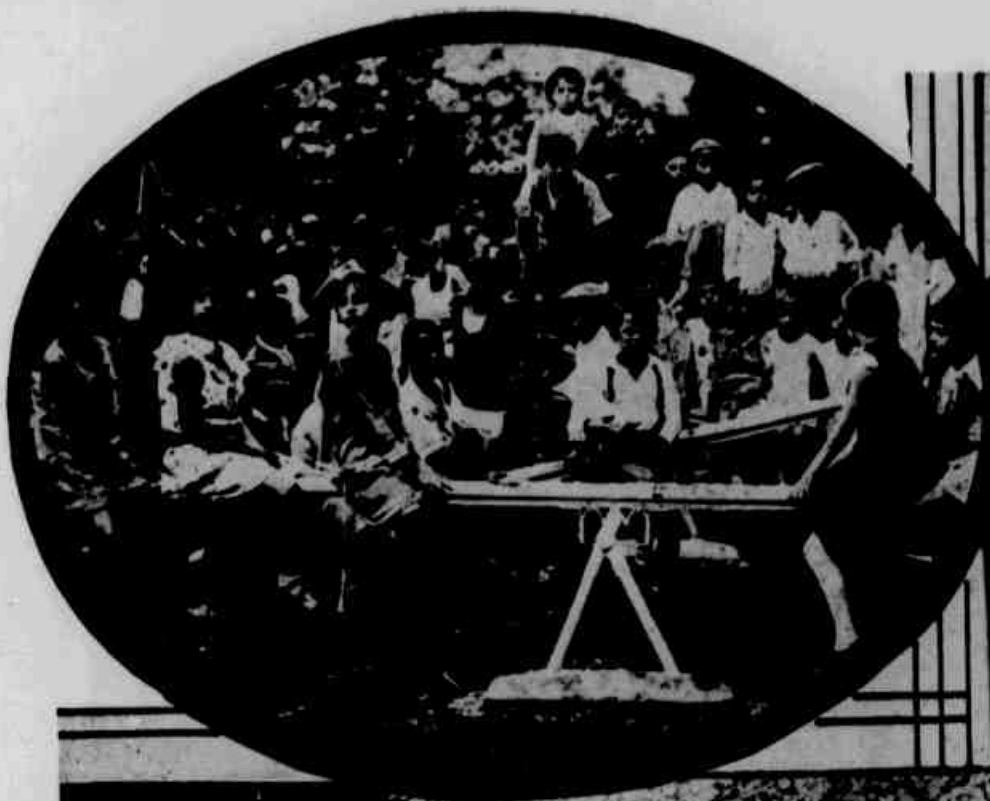
Em baixo, á direita: posse do novo director do Lloyd Brasileiro, senhor Mario de Almeida.

Em cima, á esquerda: no Ministerio da Guerra quando foi feita a entrega de condecorações aos officiaes brasileiros pela Missão Franceza. A' esquerda, em baixo: na estação da Central quando chegaram de Poços de Caldas os Senhores Oswaldo Aranha, Góes Monteiro e Juarez Tavora.

Reportagem

Na Academia Carioca de Letras quando tomou posse o senhor Phocion de Serpa. O senhor Phocion de Serpa lendo o seu discurso de entrada. Um grupo de academicos com o seu companheiro novo.

PINTURA

Na Exposição dos Cinco, quando esteve lá Bidú Sayão que posou para os pintores.

Inauguração da mostra dos ultimos trabalhos de Móra, na rua Ramalho Ortigão, 20.

Em São Paulo: um aspecto da Exposição Regina Graz-Mucia Pinto Alves.

Em São Paulo

Em cima, á direita: medicos da capital que completaram cincoenta annos de clinica. A' esquerda: no "Ground" infantil recem-inaugurado no Parque Pedro II pelo Prefeito Anhaya Mello. E festa de Natal no Club das Perdizes.

João Luso, poeta que conta historias bonitas, irmão Noel das creanças grandes . Elle nos deu, ha tempos, uns Contos de Natal. Todos lemos e guardámos o livro. A segunda edição agora apparecida vem para a gente que tanto queria ler os contos de João Luso e não encontrava mais nas livrarias.

Anno Novo

Por que será que se costuma festejar a entrada de um anno? Por tradição, dizem uns, pela entrada do anno novo dizem outros. E todos concordam que as festas auguram felicidades...

Um anno novo o que é, porém? Um novo tempo, affirmam. E o tempo que avança pode ser motivo de felicidades? Affirmam ainda que sim, mas eu creio que não.

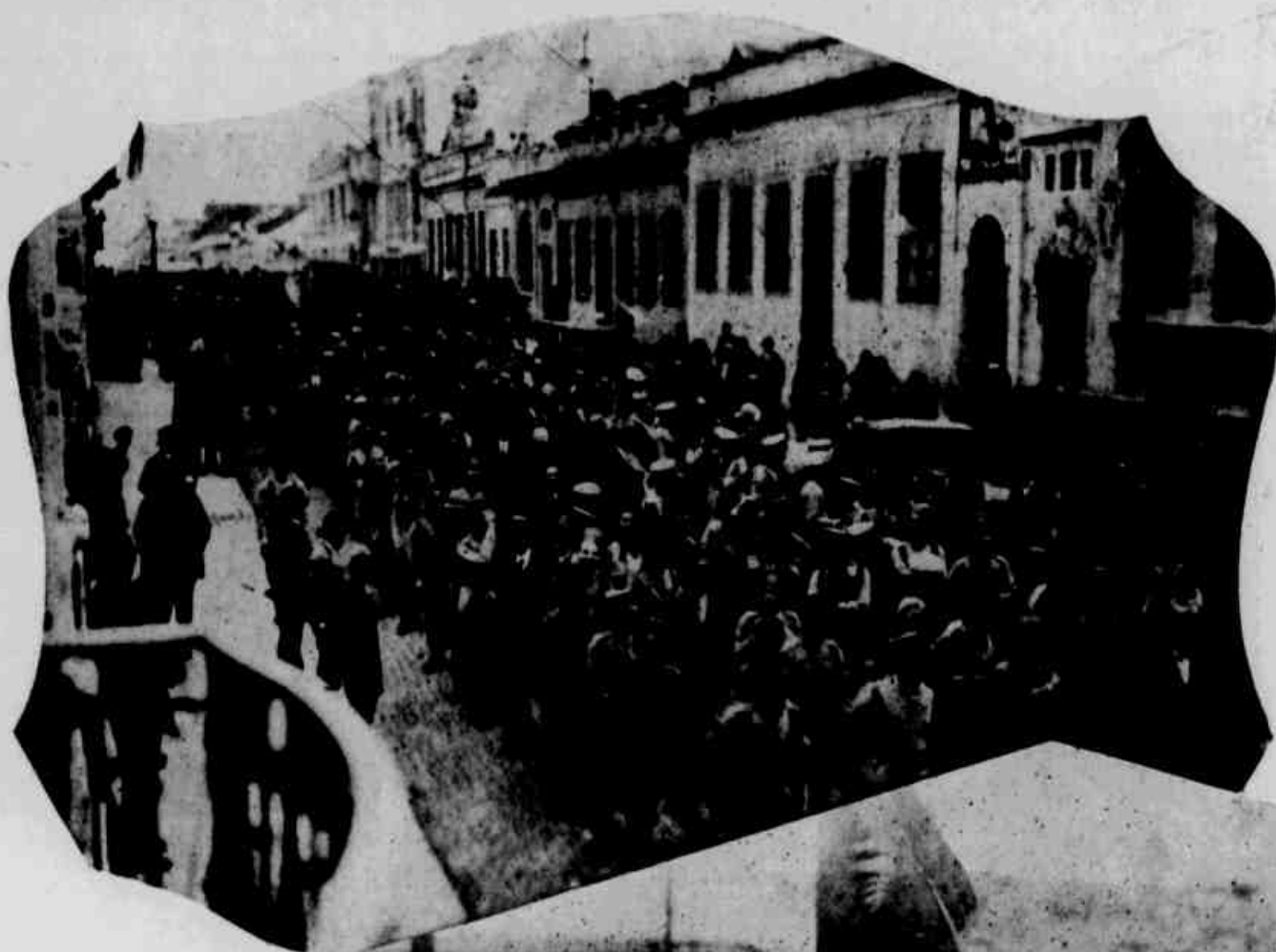
Para mim, pelo menos, não é motivo de felicidade alguma. E' porque eu anseio, eu sonho, eu idealizo e eu quero idealizar e sonhar moço, com a força da juventude e não com a força dos velhos...

Eu não vejo o Tempo, não o apalpo, mas o sinto. Sinto-o avançar rapidamente, sinto-o passar como um furacão, sinto-o ir-se desapiedadamente, sem que eu conheça, entretanto, a sensação da victoria, a sensação da g oria e a sensação do amor...

Tres objectivos, tres finalidades que só não guiam o vulgo, o mediocre. E é por isso que o vulgo, o mediocre festeja o anno novo sem outra finalidade que não essa: "novo anno, felicidades..."

Bem pouca cousa...

CABANAS

No tempo da Revolução

O Tiro 4

Diversos instantaneos da juventude gaúcha que forma o Tiro 4 com séde na Capital do Rio Grande do Sul.

POESIA

JÉCA TATÚ

Eu tenho muita pêna do Jéca Tatú —
lirico e sentimental
que vive no sertão de minha terra,
que é muito meu, porque é todo brasileiro!

Eu tenho muita pêna do Jéca Tatú
d'olhos languidos e sorriso doloroso
que vive sempre de cócoras,
numa atitude morbida
de quem tem o corpo cansado
e a alma amortecida numa emoção intensa...

E em as noites serenas e claras de estio,
quando as estrêlas do céo,
num indiscreto e encantado namoro
tecem, com o seu pensamento de sêda,
lindos madrigaes á lua,
Jéca Tatú canta baixinho e sonha...

E a sua cantiga poética,
dolente,
harmoniosa
e doce,
toda feita de sons e de ritimos inéditos
parece comover a propria alma das coisas...
E eu teuho muita pena do Jéca Tatú
d'olhos languidos, e sorriso doloroso
porque vejo no seu olhar,
vago e triste como um sonho,
uma enorme imprecação contra o destino
que fez triunfar aqui, — na terra de Chanaan —
o homem branco e civilizado da Enropa,
em vez de fazer vencer
o *cabra* forte e pujante da nossa terra,
o bom e ingenuo caboclo nacional!...

RECIFE.

"NOITE DE CHUVA"

Noite escura que nem brêo.
Pim pim pim. A chuva cae lá fora.
A velhinha enrugada
como um figo passado
desfia aos meninos, ao redor do fogão,
o seu rosario
de historias velhas de revolução...
Avósinha, conte aquella historia
do phantasma sem pernas
que se encarapitou no cavallo do avô.
Ella benzeu-se e começou:
Foi numa noite assim...
(Um trovão fez dançar nos caixilhos
os vidros da janella. Tlim tlim tlim)
Santa Barbara, santa. Santa Barbara, S. Jeronymo.
Santa Barbara, santa. Santa Barbara, S. Jeronymo.
Não é nada, netinhos.
São os anjos que estão jogando bola no céo.
Noite escura que nem brêo,
e eu fico relembrando uma historia muito linda
historia para gente grande
que só eu sei...

EDUARDO RUIZ

ALMA FEITICEIRA

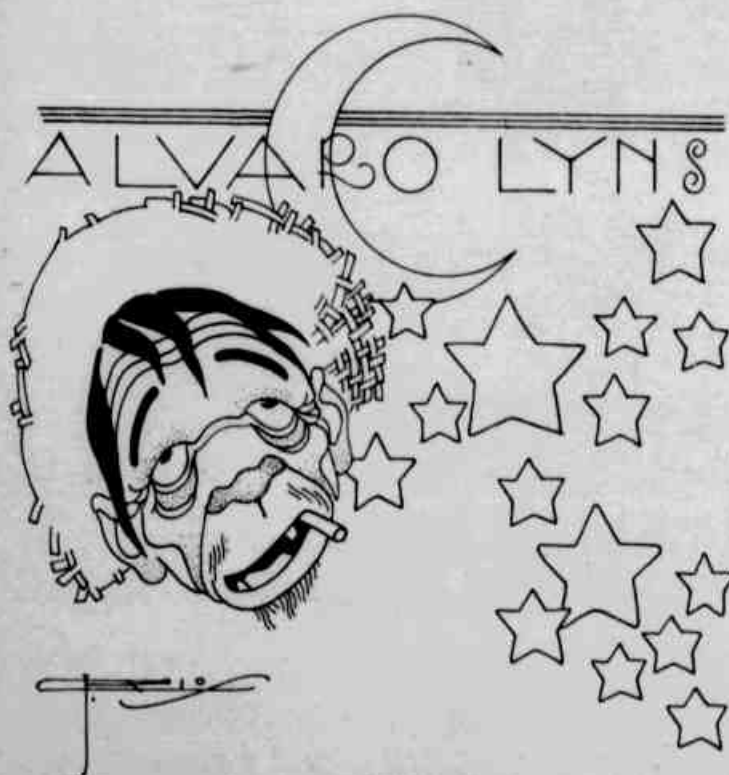
Curvado sobre o pescoço de seu pangaré marchador,
Lá vae o caboclo pensativo pela estrada.

Sól de meio-dia. A terra está suando de calôr.
e cada moirão de cerca, cada cruz sobre o barranco de cada encruzilhada
é a interrogação constante do destino incerto
de quem querendo estar longe da terra, sente a terra sempre perto.

Pensa o caboclo. Pensa na sua sina
de viver amando aquella menina
de olhos negros e pelle morena.
como a terra que dá fructo e flôr.
Aquella cachopa que rezava tão bem a novena
nos festejos de São Bom Jesus-Nosso Senhor,
e que, entre o samba e um calice de pinga,
poz no seu coração a mandinga
do amor.

E agora elle a vê retratada pela terra:
— No recorte sinuoso do sopé de uma serra,
a belleza sertaneja de suas ancas.
— Nos fructos maduros escondidos na folhagem,
seus seios pequenos sob as roupas brancas.
— No perpassar da aragem,
seu respirar morno e compassado.
— No céo negro da noite, seu cabello trançado,
tendo o cruzeiro como um laço de fita.
— No vermelho da aurora, sua bocca bonita
e no correr saltitante dos rios, seu andar requebrado.

E si ella vive assim na natureza, para a sua alma feiticeira,
porque elle ama, na mulher, a terra brasileira.

ALVARO LYNS — MATHIAS SIMÃO

IDAS apressadas á cidade, compras de ultima hora, o vestido que ainda carecia de provas, chapéos, algumas encommendas, perfumes, livros, falta de tempo para despedidas, a hora do embarque, algumas lagrimas e muita tristeza, e você se foi... Desde o momento da partida que fiquei a pensar: quando voltará? Quem sabe se a provincia não a prenderá tanto que, pouco a pouco, vae esquecendo o povo daqui? Já o receio indica um principio de ciume, um principio de inveja... Vale a pena tornar-se querida assim, pois não? E você se foi justamente durante as festas de fim de anno e para dar-nos travo no Anno Bom. Apesar da crise, minha bella amiga, sei que o tempo de festas, de presentes, de lembranças andou rico. Talvez poucos fossem os de quem Papá Noel se esqueceu. Ouro e prata nas capas das revistas. Prata e ouro nas arvores pejadas de brinquedos, de bombons onde faiscavam vélinhas de cêra de todas as côres. Nos "reveillons" as moças pareciam meninas, contentes com os brinquedos que adornavam as mesas da ceia, alegrissimas com as bonecas que ganharam e ainda mais alegres com os numerosos bonecos vestidos de "smoking" branco que as convidavam para os *foxes* e os sambas. Como vê, contentamento por toda parte. Mesmo ahi, na casa immensa e luxuosa que é a sua, houve barulho, houve, certamente, dansa, e os bolos finos foram tão apreciados quanto a macaxeira assada na brasa e a castanha cosida com herva doce. Eu... Você, além de tudo é ingrata, é má, faz com que a gente se esqueça de que deve estar feliz, e fique a maquinar, a maquinar até que a noite se escôe, até que passem todas as horas em que se deve fazer côro com o côro de alegria dos outros...

Passou, porém, o Natal. Anno Bom tambem se foi. Você está longe, mas não se esquecerá, naturalmente, de que deve continuar a cuidar da elegancia, de seguir attenta as novidades da moda. Parece que, só agora, o calor se fixará. E não ha outro remedio senão vestir tecidos leves, mangas curtas, ou ir de pyjama para a praia coisa perfeitamente de accordo com os modernos habitos das modernissimas creaturas deste modernissimo seculo de Nosso Senhor Jesus Christo. De pyjama ou de "maillot" passam as cariocas horas da manhã, horas da tarde, na areia de Copacabana, de Ipanema, do Leblon. Jogam petéca, bola, namoram, brincam muito, mas, quasi sempre, desdenham o banho de mar. A esthetica antes de tudo, mesmo porque, as tintas que inventaram para o rosto são de pouquissima duração. Uma das frequen-

tadoras da praia — das que tomam banho na agua salgada — fez successo com uma calça e chapéo de crêpe de seda listrado de varias côres sobre um "maillot" de seda preta. Era, assim, facilimo tirar as calças tão largas como saias, jogar o chapéo na areia e fazer exercicio de natação. Outra vestia calças de *taffetas* em xadrez amarello e azul electrico e blusa de setim laranja com "soutache" azul. Ap-

pareceu uma roupa de banho interessantissima: Jersey de seda branco e preto e bordados côr de limão. Repare nos demais modelos desta pagina: quatro vestidos praticos. O primeiro, de fino "drap" cinza, gola e punhos de crêpe rosado; o segundo, de velludo preto, casaco abotoado á russa, por botões escarlates e gola de "hermine"; o penultimo — crêpe de seda branco guarnecido de rendas côr de laranja e casaco de "shantung" côr de laranja; por fim vestido de "shantung" rosa "chiné" de azul.

A seguir: blusa de "georgette" rosa secco e rendas azul de louça; um chapéo de palha da Italia, feitio capeline, e outro de feltro verde com tiras de pelica côr de vinho.

Para as suas horas de lazer — almofada redonda bordada a raphia.

E não faço ponto antes de lhe dizer que ha quem ande triste, mas o céo, o mar e as montanhas, illuminados pelo sol, são a mais viva demonstração de alegria.

——oOo——

Proximamente tratarei, com minucia, de "lingérie". No verão são as roupas de maior gasto, apesar de, agora, com a garantia de fixidez de colorido nos tecidos etiquetados por Indanthren, se terem reduzido de muito as despesas com os trapos que usamos.

——oOo——

Perfumes nacionaes: de A. DORÊT.

——oOo——

Figurino excellente: "MODA E BORDADO".

SORCIÈRE

ALICE WHITE

EM CIMA, A' DIREITA, MARION NIXON

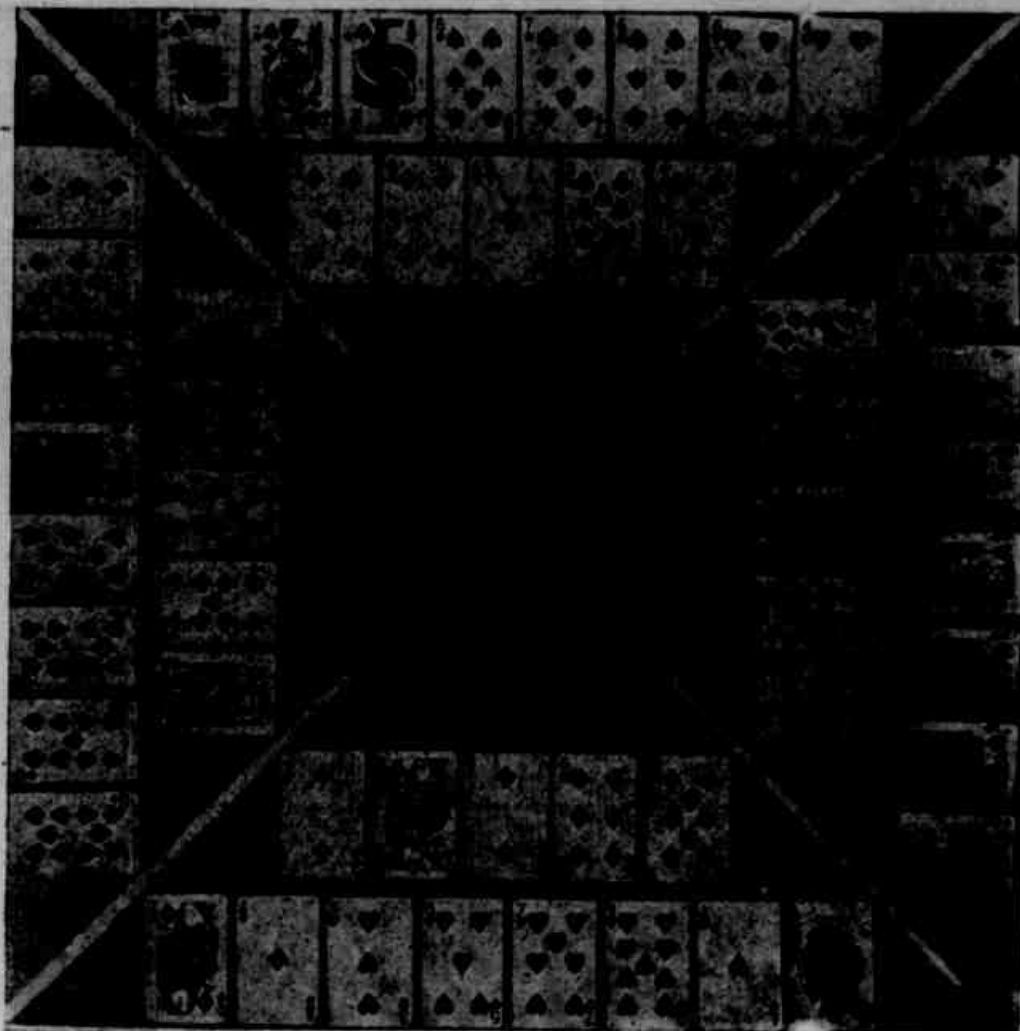
CONSTANCE BENNETT

A' DIREITA: NATALIE MOORHEAD

Bridge

PROBLEMA N. 18

Solução do Problema N. 17

1. Y 9 de paus, B 3 de paus, Z Rei de paus, A 8 de paus.
2. Z 2 de copas, A Rei de copas, Y 7 de copas, B 4 de copas.
3. A Dama de paus, Y Az de paus, B 4 de paus, Z 2 de paus.
4. Y 10 de paus, B 5 de paus, Z 6 de paus, A 5 de espadas.
5. A Rei de espadas, Y 9 de espadas, B 2 de espadas, Z 8 de espadas.
6. A Az de espadas, Y Valete de espadas, B 3 de espadas Z 3 de copas.
7. A Rei de ouros, Y 2 de ouros, B 9 de ouros, Z 7 de ouros.
8. A 4 de ouros, Y 3 de ouros, B Az de ouros, Z 8 de ouros.
9. B Dama de ouros, Z 10 de ouros, A 5 de ouros, Y 6 de ouros.
10. B 4 de espadas, Z 8 de copas. A 6 de espadas, Y Dama de espadas.
11. Y tem que jogar copas ou paus; se jogar copas, então A fará Az e Valete e B o 10 de espadas; se jorgar paus, B corta e A balda o Valete de copas, B faz o 10 de espadas e A o Az de copas e 7 de espadas.

A marcou 4 sem trunfo. — Y começa sahindo com o 6 de paus. Como deverá jogar A, para cumprir o seu contracto?

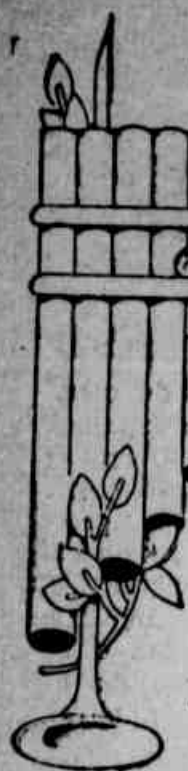
Solução no proximo numero.

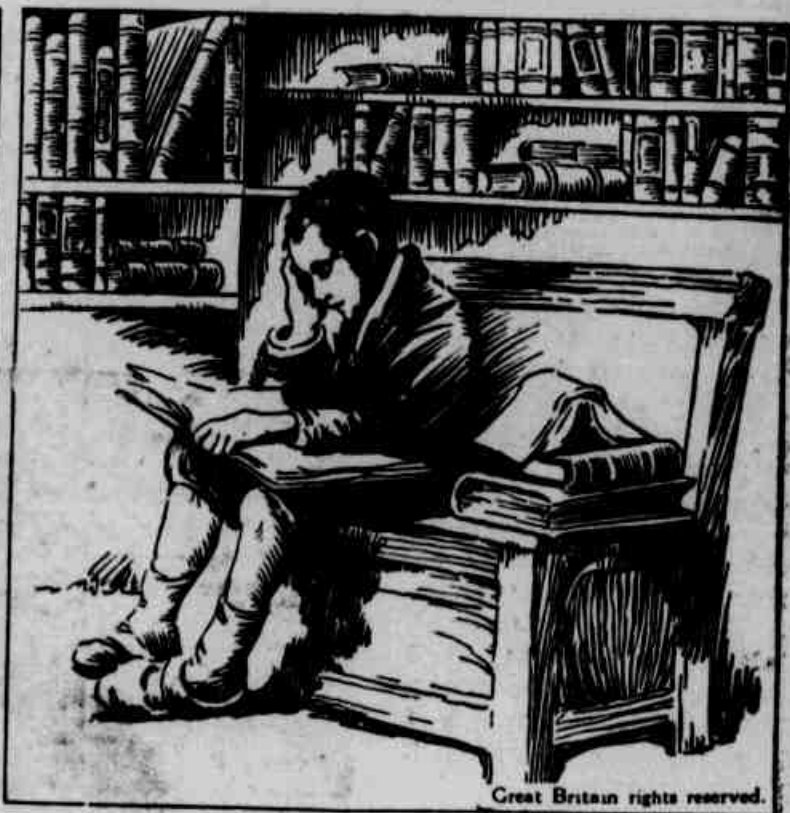
O QUE VAE SER O ALBUM DA REVOLUÇÃO — UM CONCURSO SOBRE O CONCURSO MUNDIAL DE BELLEZA — A PALAVRA DE UM GRANDE ESTADISTA MINEIRO SOBRE A GENESE EXACTA DA CANDIDATURA GETULIO VARGAS — SENSACIONAES TRICHROMIAS DE VULTOS DA REVOLUÇÃO — A BIBLIA DOS HEROES — O LIVRO DA MULHER...

Todo o Brasil, a começar intensamente do Rio de Janeiro, tem nas paginas do ALBUM DA REVOLUÇÃO todo um deslumbramento, que é difficil resumir. Essa obra invulgarissima, a apparecer dentro de dois mezes, e para cuja confecção se organizou uma empresa nesta Capital, é realmente um grande passo nos nossos processos de divulgação da Verdade pelo filtro de arco-iris da Belleza. Nas centenas de paginas dessa obra estupenda se cruzam, em clarões, todas as formas sociologicas que deram a um povo a victoria de 3 de Outubro.

Mas não se póde, no fundo, separar da Revolução cousa alguma do cerebro e do coração popular. O sangue, a consciencia nacional se transfundiram, numa tempestade de luz, na bonança da victoria. Assim, o ALBUM DA REVOLUÇÃO é a parada, sobre o papel couché, em todas as cores, do progresso do Rio de Janeiro, aurindo do plasma geographico nacional a selva multiforme de uma Patria moça e heroica. O ALBUM DA REVOLUÇÃO tem tudo, desde uma sensacional novidade sobre o ultimo concurso mundial de belleza, até a alta politica que nos felicita; desde a immortalidade do Soldado Desconhecido da Revolução, orgulho sem par da nação até ás arrogancias cyclopicas do nosso avanço industrial e argentario. Em summa, se o ALBUM DA REVOLUÇÃO é a biblia dos Heroes, é tambem o livro da Mulher.

Eminentes escriptores, fulgurantes escriptoras collaboram expressamente no ALBUM DA REVOLUÇÃO. A Senhora Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça — por exemplo — escreve mirificamente sobre a Philantropia da Mulher Brasileira. As paginas em trichromia de vultos politicos se succedem. Entrevistas sensacionaes. Documentos curiosissimos. O problema trabalhista. O divorcio. O caso do funccionalismo. O historico real, pela palavra de um estadista mineiro, da candidatura Getulio Vargas. A questão naval-militar. O symbolo-Juarez. O symbolo-Oswaldo Aranha. O symbolo-Francisco Campos. Collor, o ministro gigantesco. Bergamini e Baptista Luzardo. Urbanismo. Sports. Modas. D. Sebastião Leme e a Historia de Um Dia Continental. Os rumos religiosos do povo. Communismo — o crime organisado. Não ha logar para o Odio! Viva o Brasil!

A empresa, á rua 1° de Março, 85 — 4.°, acceita vendedores em todo o paiz.

HISTORIA DA MUSICA
PELA SENHORA SCHUMANN HEINK

Schumann, o inspirado escriptor do som

SCHUMANN é um dos compositores bastante inspirados. Elle era muito romantico e mesmo poeta, tendo deixado o sentimentalismo impresso em quasi todas as suas obras. Além de possuir um maravilhoso dom melodico, era um excellente literato. As suas peças para piano e as symphonias são tão bellas como as poesias que escreveu.

ROBERTO Schumann nasceu em Zwickau, na Saxonia, em 1810. Era filho de um livreiro e muito cedo adquiriu gosto pela boa literatura, lendo os livros que havia na loja de seu pae. Aos sete annos aprendeu a tocar orgão e organizou uma orchestra entre os seus companheiros.

EM Heidelberg, Schumann estudava direito. Não possuindo piano em que pudesse tocar, costumava entrar numa casa de instrumentos e tocar sob o pretexto de que precisava comprar um. Sentava-se ao instrumento e, começando a executar qualquer cousa, esquecia-se e ficava horas inteiras tocando com gaudio do dono da casa e dos caixeiros que admiravam o seu talento.

DEPOIS de ter ouvido uma soprano cantar no Scala de Milão resolveu seguir a carreira musical. Difficilmente conseguiu convencer sua mãe de que devia abandonar o estudo das leis. Esta desejava vel-o entrar para a carreira diplomatica.

Continúa no proximo numero

Licença n. 511 de 26—3—906

CURA DE UM COLLEGA ILLUSTRE

Cura radical pelo PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE de uma bronchite rebelde, consequencia da influeza, como se vê pelo attestado abaixo:

Attesto que usei, com grande vantagem, o PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE, durante uma bronchite rebelde consecutiva á influeza. Por ser verdade, firmo o presente. — Pelotas, 6 de Novembro de 1918. — **Arthur Brusque.**

OUTRO CASO SERIO

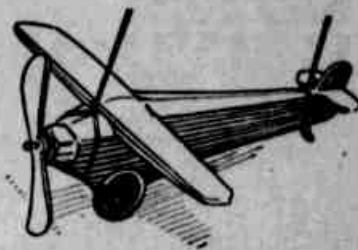
Um caso de tosse pertinaz curado apenas com o uso de meio frasco do poderoso PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE!

Declaro que, soffrendo ha cerca de 60 dias de uma pertinaz tosse que me impedia de trabalhar e pensar de recorrer aos recursos aconselhados pela medicina, só depois de fazer uso do grande remedio, o PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE, é que obtive allivio de tão flagrante incommodo, ficando radicalmente curado com o uso apenas de ½ frasco. E por ser verdade espontaneamente passo o presente. — Pelotas, 14 de Maio de 1922. — **Francisco Antunes Guimarães.**

O PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE vende-se em todas as pharmacias e drogarias de todos os Estados do Brasil. Deposito geral DROGARIA EDUARDO C. SEQUEIRA — PELOTAS.

ASSADURAS SOB OS SEIOS, nas dobras de gordura, na pelle do ventre, rachas entre os dedos dos pés, eczemas infantis etc., saram em tres tempos com o uso do **PÓ PELOTENSE**. (Lic. 54, de 16/2/918). Caixa 2$000, na Drogaria PACHECO, 43-47, Rua Andradas — Rio — E' bom e barato. Leia a bulla Formula do medico.

ESTA' A' VENDA

O MAIS LINDO DOS BRINDES PARA A INFANCIA

Almanach d'O Tico-Tico para 1931

Pedidos á Gerencia do "Almanach d'O Tico-Tico" — Rua da Quitanda, 7 — Rio. Preço 5$000. Pelo Correio 6$000.

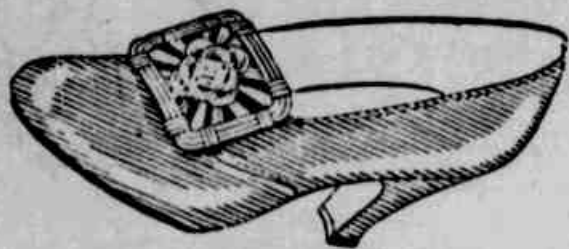
eu vi:

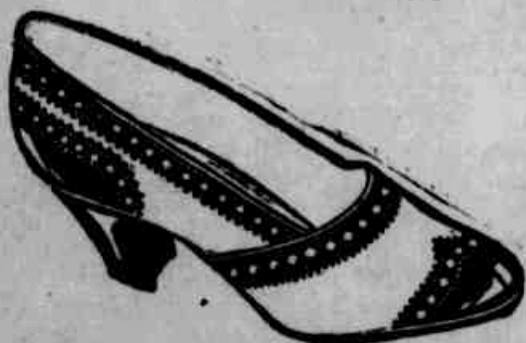
TODOS OS FACTOS DA SEMANA EM ROTOGRAVURA — **400 réis.**

CINEARTE — uma revista exclusivamente cinematographica, impressa pelo mais moderno processo graphico e a unica que mantem em Hollywood redactores permanentes.

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO" — A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

E' O EXPOENTE MAXIMO DOS PREÇOS MINIMOS

35$ Ultra modernissimos e finos sapatos em fina e superior pellica envernizada preta, todo forrado de pellica branca, com linda fivella de metal, manufacturados a capricho. Salto Luiz XV alto.

38$ O mesmo modelo em fina e superior pellica escura com linda e vistosa fivella de metal, todo forrado de pellica branca, caprichosamente confeccionados. Salto Luis XV alto.

30$ Em camurça ou naco branco, guarnições de chromo côr de vinho, salto Cavalier mexicano. Rigor da moda.

30$ O mesmo feitio em naco beige, lavavel, guarnições marron tambem mexicano.

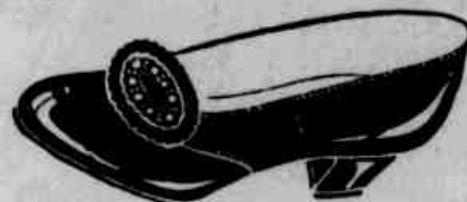
28$ Ultra modernissimos e finos sapatos em fina e superior pellica envernizada, preta, forrados de pellica cinza, salto Cavalier, mexicano, proprios para mocinhas. De numeros 32 a 40.

32$ O mesmo modelo em fina pellica beige, tambem feitio canoinha e forrados de pellica branca, salto Cavalier, mexicano, de ns. 32 a 40. Porte, 2$500 em par.

A ULTIMA EM VELLUDO

Lindas alpercatas em superior velludo fantasia com lindos frisos em retroz vermelho, todas forradas, caprichosamente confeccionadas e de fina qualidade, de lindo effeito e exclusivas da Casa Guiomar.

De numeros	17 a 26.	10$000
» »	27 a 32.	12$000
» »	33 a 40.	14$000

Porte 1$500 por par.

30$ Ultra modernissimos e finos sapatos em superior e fina pellica envernizada preta com linda fivella da mesma pellica, forrados de pellica branca, salto mexicano proprios para mocinhas: de ns. 32 a 40.

32$ O mesmo modelo em fina e superior pellica côr beige, côr marron e em beige escuro, artigo muito chic e de superior qualidade, proprios para passeios e lindas toilettes, tambem salto mexicano para mocinhas: de ns. 32 a 40.

RIGOR DA MODA

30$ Lindos e modernissimos sapatos em fina pellica envernizada preta com lindo debrum de couro magis-preto e tambem com debrum cinza e para mocinhas por ser salto mexicano. De numeros 32 a 40.

32$ O mesmo modelo e tambem com o mesmo salto em superior pellica beige ou marron.

Porte 2$500 por par.

Pedidos a *Julio de Souza* — Avenida Passos, 120 — Rio. — Telephone 4-4424

Em torno de Jules Romains

(FIM)

de sensações e de sonoridades do que anteriormente.

A cultura enthesourou preciosidades innumeraveis na sua vida, das quaes fará uma construcção harmonica, coordenada, mas bem differente do que todas as criações antigas.

"Quand le navire" de Jules Romains é uma obra obediente a essa nova orientação moderna das letras. Como em Proust, como a das na arte moderna, não se trata mais de descrever a objectivação dos phenomenos ou a pura "reverie" do coração, mas o mundo inédito de impressões luxuosas, coado pelo vitral da Cultura.

"Quand le navire" é um modo subtil de comprehender o amor do celibatario.

Em torno delle, Jules Romains retraça excellentemente uma integral theoria da presença applicada a esse sentimento. Quem não desejaria gosar a presença de uma mulher que nos interessa?

Mas a presença possue um elemento de duração sem o qual não existiria.

Ora, é justamente para que ella dure, para que seja realmente presença e não illusão da presença, ou, por outra, uma presença que se devorasse a si propria, que o celibatario casa.

A sua mulher está ali!

E' uma presença que por sua duração, sua fixidez, deixa-lhe uma opportunidade de medir o abysmo que ella desenvolve de circulo em circulo deante de si. Sua mulher.

O ser entre todos possiveis que tem o encargo de attrahil-o, que está collocado ali para lhe dar especialmente a vertigem daquillo que não é elle e o ... de absorvel-o nesse ambiente differente delle.

E assim se casa o celibatario. Sem saber como.

Deveria meditar profundamente sobre essas palavras do escriptor francez a sosiedade de celibatarios que se acaba de formar em Paris.

E eis por que sobre esse facto quotidiano, a divina Scherazade da minha alma criou toda uma symphonia para o goso dos que me têm.

CEGUINHA

Na minha rua ha uma ceguinha pobre que passa o dia a cantar...

Canta para viver.

Fica na esquina sentada e nunca eu a vi cansada de cantar.

As suas canções são tristes e trazem nos versos simples toda uma angustia interior, e a gente crê que o destino, tirando-lhes os olhos mortos, encheu seu peito de amôr...

Porque ha nos seus versos tristes, toda uma angustia anterior.

Ceguinha pobre do meu bairro!

Eu penso adivinhar no teu semblante toda a ambição distante de um amôr...

Eu creio vislumbrar no teu destino todo o desejo de caricias doces nas tuas noites cheias de pavor...

Ceguinha pobre do meu bairro!

O mundo é feio para a grandeza desses olhos teus.

Os olhos interiores vêem mais longe, foram creados, para achar só flôres pelos caminhos da desolação.

Ceguinha pobre do meu bairro!

A noite é quente...

Canta a canção do coração da gente, tu, que fazes da vida uma canção...

SCHNEIDER JOR.

1930.

Mulheres

Cada quarto de seculo tem as suas mulheres. Durante o romantismo, em 1830, a mulher era languida e desmaiava á mais insignificante palavra. Não se parecia nada com a mulher do 2º imperio; essa já era leviana, despreoccupada; amava o riso e o prazer. Mas esta differença era mais superficial que profunda. E ellas tinham qualquer coisa de parecido. Primeiro, o mysterio, e depois, uma certa maneira de proceder com os homens, que, na apparencia, os affastava, mas, na realidade, os approximava mais.

Nos nossos dias é differente. Quanto mais as mulheres se misturam na vida exterior dos homens, mais indifferentes se lhes tornam e, moralmente, mais os affastam. Era o mysterio que feria a imaginação do homem. O fim amoroso da mulher era então um assalto inesperado do qual sahia sempre victorioso. Hoje é uma guerra de trincheiras. O homem já viu tanta coisa, que se não dá a um grande trabalho para as conquistar.

Esta crise chocava de ha muito: podia-se presentil-a desde o principio do seculo XX, mas foi a guerra que a desencadeou. Com a sua maravilhosa intuição, a mulher já em 1915, adivinhou, quando o estado de guerra deixou de ser provisorio, que, em frente do homem, o seu grande papel estava acabado. Arriscava-se a ser uma comparsa. O seu velho companheiro de lutas e de amores cessava de ter os olhos fixos nella. Elle voltava ás amisades viris, á camaradagem da vida de campanha. A' primeira licença da guerra, a mulher offereceu ao combatente, que sonhava, talvez, em meio da metralha com um commovente regresso junto de uma romantica e graciosa amante, a imagem de um novo camarada, que o substituia em toda a parte com coragem e lealdade, que fumava como elle, que falava como elle e que desejava que lhe deixassem a liberdade tão duramente conquistada. Haia então muitas e dolorosas preoccupações para discutir esse assumpto. Depois veiu a paz, com uma immensa necessidade de distracções e de prazer, e de um lado e do outro adaptaram-se a este novo estado de coisas. Mas as mulheres chegaram ao seu desejado fim? Dizem que sim, mas, no fundo do coração, não pensam assim. As mulheres podem reivindicar tudo o que quizerem, mas o seu verdadeiro desejo é serem amadas. Amadas como se amava no tempo dos cabellos compridos, dos longos vestidos de cauda; como se amava no tempo de Henrique IV, ou no seculo XVIII, ou mesmo em 1880, e como já se não ama hoje.

EDMOND JALOUX

SENSAÇÃO ! BREVE !
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução !

SENSAÇÃO ! BREVE !
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução !

SENSAÇÃO ! BREVE !
"Album do Progresso do Rio de Janeiro"
O Album da Revolução !

Solicitam-nos do Gabinete do Sub-Director do Trafego Postal:

"Numerosa é a correspondencia (cartas, impressos, amostras) que cahe em refugo por falta ou insufficiencia de endereço, quer do remettente, quer do destinatario.

No intuito de reduzir ao minimo a correspondencia não entregue aos destinatarios, nem restituida aos remettentes, está sendo organizado em cada Repartição distribuidora um indicador de residencias, escriptorios, etc.

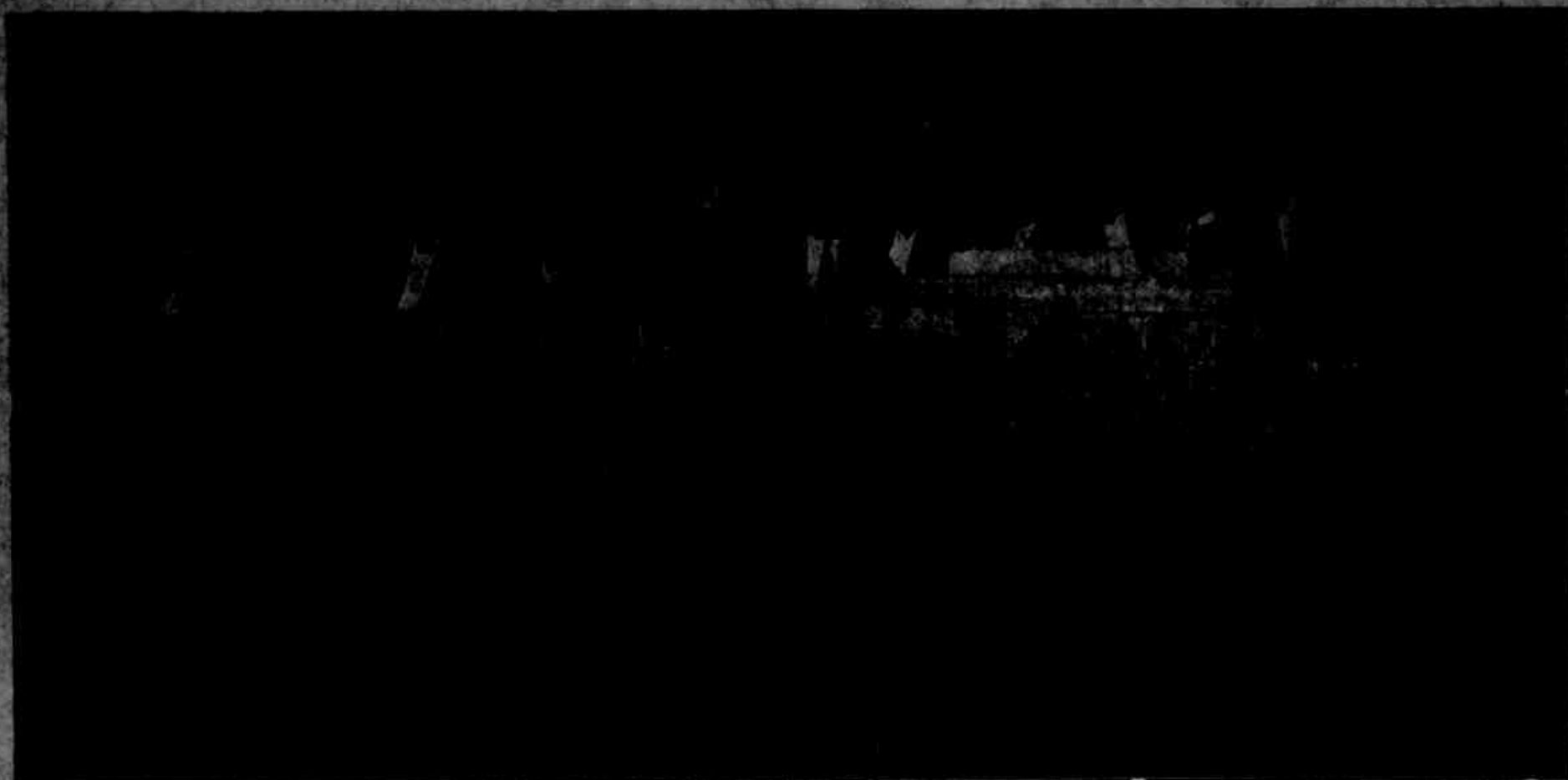
Para que o trabalho seja o mais perfeito possivel, esta Sub-Directoria faz o seguinte appello a todos quantos se utilisam frequentemente do Correio e não têm seus endereços na lista dos telephones ou nos almanachs:

a) — que enviem por escripto a esta Sub-Directoria seus nomes, residencias ou escriptorios;

b) — que participem na Repartição distribuidora mais proxima as novas residencias, quando se mudarem;

c) — finalmente, que quando escreverem indiquem no verso da correspondencia seus nomes e residencias.

Esta Sub-Directoria espera que seu appello receba de todos o maior acolhimento".

Aspecto da chegada á S. Paulo do Almanach d'O TICO-TICO

O Almanach d'O Tico-Tico para 1931 constituiu verdadeiro successo para as creanças. Na photographia acima vê-se a chegada de muitos milhares dessa publicação á estação do Norte, em São Paulo.

A ALIMENTAÇÃO DAS CREANÇAS NAS ESCOLAS

Um aspecto do "lunch" offerecido aos alumnos da 6ª Escola mixta "Minas Geraes" do 2º Districto desta Capital, pela Quaker Oats.

Nos principaes paizes da Europa e da America de ha muito a Instrucção Publica vinha estudando a maneira pratica de alimentar as creanças nas escolas, com lunch sadio e que não perturbe os horarios das aulas.

Tendo em vista a vontade que tambem a Instrucção Publica deste paiz tem em proporcionar boas merendas aos seus alumnos a Directoria da Escola mixta "Minas Geraes" do 2º Districto desta capital, permittiu que a Quaker Oats Company realizasse demonstrações naquella escola, que foram realizadas com o maior exito conforme se verifica do attestado abaixo offerecido espontaneamente pela directora daquelle estabelecimento de ensino:

"Attesto que foi ministrado durante 30 dias, a 50 alumnos desta Escola, desde 10 de Dezembro de 1930, o regimen alimentar de Aveia Quaker, aliás com excellente resultado, conforme prova o augmento de peso das creanças que ao mesmo foram submettidas, constatado pela Enfermeira Escolar, de accordo com a relação que me foi fornecida e que aqui incluo. Districto Federal, 16 de Dezembro de 1930. — 6ª Escola mixta "Minas Geraes" do 2º Districto. — Assignado — A Directora: Ernestina Werneck Pereira".

gibe
Questões
no Co
Formulario

E' o mimo da casa; as meninas contam-lhe todos os segredos; os escravos a respeitam; as visitas reconhecem ne'la a herdeira presumptiva das malicias e indiscreções da familia; e sua vida resume-se em ser a companheira da senhora moça em solteira, e a creada particular da senhora moça quando se casa!

E' a favorita do lar domestico; uma especie de Montespan retinta, azougada, de cabello aprumado, por cujas mãos têm de passar todos os requerimentos que se dirijam á alta sabedoria do conciliabulo familiar. Em Inglaterra chama-se Betty; em França Marton; em Portugal Maria; no Brasil perde o nome de baptismo para grangear o honroso qualificativo de **mucama.**

Contam as chronicas antigas que o melhor meio de se attrahir a confiança dos monarchas era em primeiro logar angariar a sympathia das favoritas. Ninguem levará a mal esta observação, désde que se lembrar da Pompadour, da La Valliére, da duqueza de Barry, da duqueza de Chevreuse, da Maintenon, da Parabére e de outras estre'las galantes do escandaloso horizonte do seculo XVIII.

Pois no Brasil, e especialmente no Rio de Janeiro, essa pleiade de figuras gentis, essas duquezas, princezas, marquezas, loiras, morenas, infieis, ousadas, encantadoras, resumem-se num simples perfil, cujo maior luxo é o de trazer o cabello aspero repartido e empinado, os olhos vivos, o dente claro, o motejo e o "muxoxo" promptos, o vestidinho engommado, a côr envernizadamente negra e uma insolencia á prova dos mais rispidos preconceitos sociaes.

Será preciso nomear a mucama? Quem não a reconheceu já nos rapidos traços, que aqui deixamos, embora toscos e incolores?

Um espirito superior em nossa litteratura desenhou em quadro de mestre a physionomia garrida, impertinente, cruel, engraçada e arisca do "moleque", o demonio familiar, o secretario do "senhor moço, o terror das visitas, e o cofre indiscreto de todos

Para todos...

Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director - Gerente Antonio A. de Souza e Silva. Assignatura: Brasil — 1 anno, 48$000 ; 6 mezes, 25$000. Estrangeiro — 1 anno,....... 85$000; 6 mezes, 45$000.

A MUCAMA

os mysterios da casa e da vizinhança!

Só a mesma penna seria capaz de pôr em relevo o typo da mucama brasileira. Devo-lhe esta venia, antes de metter a mão na custosa seara.

A mucama é uma confidente, — que digo? é uma pessoa da familia, uma parenta quasi sempre uma filha. Identifica-se com os gostos, os defeitos, os cacoetes dos senhores, a tal ponto que eu ouvi um sujeito perguntar, ha tempos, á minha vista, á mucama, durante o jantar:

— Oh! pequena! devo principiar pelo frango ou pelo carneiro?

Ella respondeu não sei o que, e curvou-se immediatamente, para dizer qualquer cousa ao ouvido da menina.

O sujeito, respeitando o meu honesto pasmo, disse-me rindo:

— E' a mucama de minha filha.

E ao meu ouvido:

— E' um azougue!

A mucama é quem veste a nossa noiva, quem a penteia, quem lhe ensina o meio de nos fazer ciumes no ar, quem vê primeiro os figurinos da ama e os escolhe, quem nota os defeitos e as bellezas das visitas da casa, quem as despede á porta da rua, quando lhe apraz, quem acompanha a menina á chacara, ao quarto, á cama e é quem, na hora do noivado, lhe prega o ultimo alfinete, murmurando seja que fôr que obriga a noiva a corar a rir diabolicamente.

— E vae se casar sempre com Santos, nhânhã? perguntou uma á senhora moça, no dia em que esta acceitara o pedido do pretendente.

— Vou. Que é que tem?

— Não era eu! Olhe, disso estava elle livre!

— Por que?

— E a verruga no pescoço?

— A verruga?

Os olhos da noiva brilharam, suas faces tingiram-se de um purpurino arrebol.

— Só hoje foi que eu dei pe'a cousa! proseguiu o demonio negro. matizava as palavras de gargalhadas intermittentes. Hoje á hora do chá

— Mas...

— Ora, tinha que vêr; uma moça do Cassino, uma moça fregueza "Notre Dame" e que anda no "c... pé" do papae!

— Explica-te! Explica-te!

— Eu lhe conto. Quando a gente veiu tomar chá, eu dei para ficar traz delle. Meu dito, meu feito. Não tirei mais os olhos de cima do homem. Conversa puxa conversa; e abaixa aqui, e abaixa aco'á o certo é que uma vez que elle se debruçava para um lado, o col'arinho afastou-se e vi com estes olhos mesmo uma ruga do tamanho de um tento que meu senhor joga o solo!!

— Feiissima, hein?

— Deus me defenda! parecia um besouro... Então, com pena de nhanhã...

— Está bom. Vae te deitar.

— Não quer nada mais?

— Não, acudiu a menina um pouco febril. Vae-te deitar.

No dia seguinte desmanchava-se o casamento. Desta vez, a fatalidade rebentou no seio de uma familia sob o aspecto de úma... verruga? Qual? sob o aspecto de uma mucama!

A mesma menina, atenazada pelo demonio negro, casou com um biltre que a injuriava dia e noite, para dar razão á mucama. Isso é vulgar!

... examinar todos ... da familia, desde o ... até o ultimo parente. E' muitas vezes o pomo da discordia. Uns ... -n'a, outros censuram-n'a; outros nem a censuram nem a defendem; ficando ella na posição historica de Helena, pela qual brigaram os valentes heróes de Homero!

A educação brasileira, que não é por fim de contas o ideal das educações racionaes, deve banir de seu gremio essa figura ironica, trahidora e graciosa da mucama.

A mucama é um perigo; um perigo que se insinúa, quasi imperceptivelmente, á maneira do arranhão do gato ou das febres intermittentes. Depende muitas vezes della o socego do lar domestico, e não é para admirar que o seu espirito infernal sirva de peso na ba'ança das nossas contribuições sociaes e politicas.

Em tempo de eleições:

— Rapariga, vae ver quando passa o Cunha e entrega-lhe isto. São as chapas da nossa freguezia!

Pouco depois pára junto á janella um Cupido, que costuma cortejar a menina da casa.

— Então, pequena, que ha de novo?

— Nada. Só eu que aqui estou á espera do Sr. Cunha, para lhe dar as chapas.

— Que chapas?

— Eu sei?! Da freguezia do meu senhor. Olhe!

E mostra o embrulho.

O Cupido tem uma subita inspiração.

— Oh, pequena, dá cá isso!

— Para que?

— Ora vamos! Dá cá, e toma estas!

— Hein?

— Se me queres bem!... Não sejas má... então?

E trocam-se os embrulhos.

O certo é que, na apuração das cedulas, o homem entra em casa desorientado:

— sto só por artes do diabo! vocifera elle. Rapariga!

Vem a mucama; olhos serenos, peito tranqui'lo, e com um sorriso apenas malicioso no canto da bocca.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro deve ser dirigida para a rua da Quitanda, 7 — Rio de Janeiro.

por Luiz Guimarães Junior

— Entregaste as chapas ao Cunha?

— Sim, senhor! Elle que diga!

— Diabo, diabo!...

E emquanto o derrotado heróe da freguezia arranca os cabellos e as barbas a mãos juntas, a mucama estala de riso, por traz do bastidor da senhora moça!

A mucama está collocada entre o escravo e a familia; nem é propriamente filha, nem propriamente escrava.

Para ella se inventou um meio termo de censura e de caricia; um "quasi" beliscão, um "quasi" beijo.

El'a nasceu no mesmo dia em que a menina veiu ao mundo; os gostos, os dissabores, as malicias, as ingenuidades, os caprichos da menina reflectem-se nella.

Se está pesarosa a senhora, a mucama pesarosa está; se a senhora vive a'egre, o mundo descobre esse lisonjeiro estado no nariz esperto, no cabello reluzente e nos labios perigosos do travesso demonio.

A menina esconde um segredo, dois segredos, o maior segredo de sua alma á sua mãe; á mucama, não. E tente-o!

Ella vem sorrateiramente como a cobra, como a pulga, como a traição. Olha para a senhora moça; tosse de manso; demora-se em arrumar alguma cousa na "toilette"; estaca a examinar um vidro de perfume; pergunta mil vezes se não ha necessidade de cousa alguma, e por fim exha'a um retumbante suspiro, com os olhos piedosamente erguidos ao tecto.

— Que tens tu?

E palavra depois de palavra, phrase em seguida a phrase, questões, reticencias, armadilhas, maliciosas perfidias, até que emfim...

Até que emfim, a mucama, ao romper do dia, vae contar á dona da casa, com certo aprumo, tudo quanto a menina occultou ás lagrimas e supplicas maternas.

E' uma raça damninha realmente, mas é o lado espirituoso, é o lado galante, é o lado anecdotico e gentil da escravidão brasileira. De todos os escravos, o mais perigoso, terrivel, invencivel e fatal é a mucama. Terrivel, por ser justamente o mais seductor!

Ha paes que dizem, apresentando a filha ao noivo, como o seu melhor elogio:

— Não tem parentes!

Se elles dissessem: — Não tem mucama! seria cousa de lisonjear, com mais vantagem, o espirito e o socego de um noivo consciencioso.

A proposito de noivo... Um janota fluminense, rapaz esbe'to, atoleimado, rico, socio do Jockey-Club, e talento capaz de, no peor bilhar, levar a cabo uma duzia de carambolas em dez minutos, — um moço perfeito emfim! — estava a pular de cobiça pelo dote de uma herdeira riquissima, cento e cincoenta apolices, dois predios magnificos, madrinha millinonaria, etc., etc.!

A menina era galante, mas ingenua, de fórma que o sujeito tinha quasi por ganha a partida. Havia, porém, uma barreira no meio da aventura; e que barreira, Virgem purissima! — havia uma mucama!

Pae, mãe, irmão, amigos, todos amaldiçoavam o dia em que o janota poz os o'hos... nas apolices da don-

Pro...
Liçõ... Com...
Hur... Tod...
Indi...
Que...
Formular... ...BUM LINDO — *ALMANACH D'O TICO-TICO* PARA 1931

zella. A mãe, em varias conferencias intimas, tratara de aconselhar a filha.

— Eu tenho mais de vinte annos, mamãe. Ou me caso com elle, ou então a lei...

A lei era um dos recursos a que se prendia a logica do namorado. Em todas as suas cartas elle falava na lei...

A menina sentia-se vencida e fascinada.

A mucama, por capricho ou por commiseração da familia, decidiu-se a cortar a crise.

No momento de se deitar disse-lhe a senhora moça, com a face incendiada e o seio convulsivo:

— Se papae não consentir, eu hei de ser tirada por justiça. Verás!

A mucama deixou de desacolchetar o vestido da menina, olhando-a com certa penetração.

— Nunca me viste?

— Estou admirada!

— Oh! oh! por que?

— Porque esse moço lhe quer tanto bem como a mim!

— Hein?

— Estás doida?

— Vamos apostar!

— Estás doida?

— Vamos apostar, sinhá! Em sendo horas amanhã eu vou para o portão, e o que se passar, vosmecê verá da janella do jardim.

— Que vaes tu fazer, rapariga?

— Verá!

Os olhos da mucama fulguravam como duas brasas infernaes. A menina sorriu desdenhosa e entregou-se toda aos ineffaveis arroubos de sua poetica aventura.

Na tarde do dia seguinte, a mucama approximou-se á senhora moça. Estava luzidia, viçosa, enfeitada, rutilante de perversidade e malicia.

— Espere um pouco, sinhá!

— Esperar por que, maluca?

— Pe'a prova que eu lhe disse hontem. Elle ha de vir buscar a resposta da carta...

— Se tu fizeres alguma cousa...

— Esconda-se vosmecê por traz da persiana e conhecerá quem é o sujeitinho. Tambem póde acreditar, se elle não fôr como os outros, eu mesma lhe direi: — case-se já, já sem perda de tempo!

— Tola!

A's dez horas da noite o silencio cercava toda a sumptuosa habitação. A menina, entre a curiosidade e o enlêio, acondicionou-se á sombra da persiana: Era a hora em que o janota vinha regularmente trocar entre as mãos da mucama as epistolas amatorias.

Tic, tac, tic, tac...

Lá vinha elle! Chegou emfim! Examinou se a'guem o seguia, se alguem o via, se o espreitava alguem... Adiantou-se até o portão. A mucama sahiu-lhe ao encontro.

— Então? indagou o janota, estendendo a mão, á espera da carta habitual.

— Hoje não ha, meu senhor!... acudiu ella, desfazendo-se em meneios e momos graciosos.

— Tua senhora?

— Não está em casa.

— Como?!

— E' verdade... eu estou só.

— A familia toda sahiu?

— Todinha.

E momentos depois ouviu-se no silencio da noite o ruido sonoro de um beijo.

Immediatamente, porém, estalou uma gargalhada vibrante, acerada, estridente, e o portão fechou-se com estrondo nas barbas do novo D. Juan.

A gargalhada crescia de furia, de expansão e de sonoridade.

Ao mesmo tempo descerrava-se a persiana e surgia o rosto colerico e pa'lido da illudida enamorada.

— Então, sinhá? Ganhei ou perdi a aposta?

O janota enfurecido tentou abrir o portão. Acordou o feitor, apenas. Ia despertando o alarma na casa. Achou mais commodo retirar-se. Fel-o com a maior prudencia e... presteza.

Quando a mucama approximou-se á senhora moça, mal podia cumprimir as risadas que a suffocavam.

A menina olhava-a pasma e muda, sem saber se devia repellil-a ou acaricial-a.

— Olhe, sinhá — observou o demonio com um olhar genuinamente infernal — desses homens ha por ahi aos centos, como as moscas. Não vale a pena! Nem para mim!

E enxugou desdenhosamente a face.

Nunca mais se fa'ou no namoro da moça, nem se viu a cara atoleimada do janota. A familia mal sabia a que attribuir tão feliz metamorphose.

Um dia, em segredo, a menina narrou a scena do rompimento á mãe, a mãe ao pae, o pae ao filho; e de commum accordo, decidiram alforriar a crioula, conservando-a, porém, no posto de mucama predilecta.

Ella preferiu ser ainda, ser sempre, ser toda a vida, mucama; mas escrava.

Metternich não seria mais diplomata nem Machiavel mais astuto.